CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA - UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

BEATRIZ SAMPAIO

NOVAS LEITURAS – PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DA SALA DE LEITURA ATRAVÉS DA VISÃO DE UMA GESTORA ESCOLAR

RIO DE JANEIRO
2021

BEATRIZ SAMPAIO

NOVAS LEITURAS – PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DA SALA DE LEITURA ATRAVÉS DA VISÃO DE UMA GESTORA ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário Carioca – UNICARIOCA, da linha de pesquisa Desenvolvimento, Estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias Digitais na Educação Formal, para a obtenção do título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Área de concentração: Tecnologias Digitais na Educação
Formal.

Orientadora: Prof.ª Dra. Bianca Maria Rêgo Martins
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Monteiro Trotta

RIO DE JANEIRO
2021

S581n Silva, Beatriz Sampaio da.
Novas leituras – Proposta de reestruturação da sala de leitura através da visão de uma gestora escolar. / Beatriz Sampaio da Silva. Rio de Janeiro, 2021.
83f.

Orientadora: Bianca Maria Rego Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação). Centro Universitário UniCarioca - Rio de Janeiro, 2021.
1. Design. 2. Multiletramento. 3. Gestão escolar. I. Martins, Bianca Maria Rego, prof. orient. II. Titulo.

CDD 372.4

BEATRIZ SAMPAIO DA SILVA

NOVAS LEITURAS – PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DA SALA DE LEITURAATRAVÉS DA VISÃO DE UMA GESTORA ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do CentroUniversitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram de forma remota desta defesa de dissertação.

Examinado por:



Profa. Bianca Maria Rego Martins, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Verônica Elói de Almeida, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Bárbara Emanuel, D. Sc. (UFF)

Profa. Alexandra Valéria Linhares Figueiredo de Andrade Santos, M. Sc. (SME/RJ)

Rio de Janeiro

2021

“Olhe para as estrelas e não para os seus pés. Tente entender o que você vê e imagine o que faz o universo existir. Seja curioso”.

(Stephen Hawking)

AGRADECIMENTOS

Muitos caminhos me trouxeram até aqui. E nesse percurso, muitas pessoas influenciaram minhas escolhas. Agradeço a meus pais Claudio Sampaio e Marcia Teixeira, por me ensinarem a valorizar a educação. Desejar uma educação pública de qualidade e lutar por ela, vem dos valores que vocês me orientaram. Agradeço à minha irmã Claudia Sampaio, companheira de profissão e de vida. Minha enorme gratidão ao meu marido Paulo Villa, grande incentivador, meu aliado há mais de 21 anos. Crescemos juntos, buscamos juntos e desfrutamos juntos as nossas conquistas. Obrigada por sua paciência e ânimo cada vez que eu ficava nervosa, achando que não conseguiria dar conta de tudo. Ao grupo mais chegado das aulas, agradeço por cada cafezinho para aguentar o dia e, em especial, à minha amiga e parceira Kelly Marinho, para quem mandei muitas vezes mensagens buscando apoio e força, que dividiu comigo cada etapa desse trabalho. Agradeço imensamente meus orientadores, Dr.ª Bianca Martins, sempre amorosa e compreensiva, por todas as conversas e a disposição em ajudar, mesmo diante do caos em que vivemos para realizar a pesquisa durante uma pandemia sem precedentes. Gratidão ao Dr. Leonardo Trotta, que abriu meus olhos para novos caminhos, me apresentando uma pedagogia maravilhosa. Saudades das suas aulas, professor! Meus agradecimentos aos professores que estiveram em algum momento cooperando com o meu percurso. Por fim, à Escola Municipal Edna Poncioni Ferreira que me acolheu e me permitiu desenvolver esse trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa busca formular recomendações para a reorganização do ambiente da sala de leitura da escola Edna Poncioni Ferreira, na zona sul do Rio de Janeiro, com o intuito de viabilizar e potencializar o aproveitamento desse espaço por parte de alunos, professores, gestores, bem como para a comunidade escolar. Nesse sentido, a ideia norteadora deste trabalho é propor ações em que recursos e espaços ociosos no ambiente escolar ganhem utilização e novos significados. A partir de tais problemáticas, evidenciamos a necessidade de reestruturação da sala de leitura sob vários aspectos. Desse modo, realizamos, de forma coletiva, intervenções que possibilitaram a reconfiguração desse ambiente, sob a perspectiva do Design e do multiletramento, como um espaço para ampliar as ações educativas, promover a interação, socialização, o acesso à cultura digital e a ressignificação da aprendizagem, transformando esse lugar em um ambiente prazeroso que se configura como parte integrante do cotidiano dos estudantes. Para tanto, tomamos como pressupostos teóricos as considerações de Chartier (1994, 2004), Battles (2003), Moran, Masetto e Behrens (2005), Kress (2010) Kalantzis e Copo (2006), Rojo (2012, 2013, 2017, 2019, 2020), entre outros autores. A reconfiguração do ambiente, a partir de um processo de inventário, planejamento de espaços e consulta aos funcionários da escola, permitiu detectar e atender a demanda por um ambiente para acesso a multimídia de forma prática, um ambiente de leitura com um sistema temático organizacional dos materiais, e a inclusão do ambiente como uma parte da rotina das atividades didáticas da unidade.

Palavras-chave: Design. Multiletramento. Sala de leitura. Gestão escolar.

ABSTRACT

This research seeks to formulate recommendations for the reorganization of the reading room environment at the Edna Poncioni Ferreira school, in the south zone of Rio de Janeiro, in order to enable and enhance the use of this space by students, teachers, managers, as well as the school community. In this sense, the guiding idea of this work is to propose actions in which idle resources and spaces in the school environment gain use and new meanings. Based on these problems, we highlight the need to restructure the reading room from several aspects. Thus, we collectively carried out interventions that enabled the reconfiguration of this environment, under the Design and Multiliteracy perspective, as a space to expand the educational actions, promote interaction, socialization, access to digital culture and the re-signification of learning, transforming this place into a pleasurable environment that is configured as an integral part of the students' daily lives. For this, we take as theoretical assumptions the considerations of Chartier (1994, 2004), Battles (2003), Moran, Masetto and Behrens (2005), Kress (2010) Kalantzis and Copo (2006), Rojo (2012, 2013, 2017, 2019, 2020), among other authors. The reconfiguration, based on inventory, planning and consultation with the staff, allowed to detect and solve the demand for a multimedia environment, the creation of a reading space organized by thematic axis, and the inclusion of the space in the routine of the students.

Keywords: Design. Multiliteracy. Reading room. School management.

Lista de figuras

Figura 1: Registro de inauguração da escola.....37
Figura 2: Tirinha Calvin and Hobbes de Bill Watterson.....41
Figura 3: Sala antes da intervenção.....45
Figura 4: Recursos obsoletos e sem manutenção.....51
Figura 5: Acervo necessitando de atenção e cuidados.....53
Figura 6: Sala com problemas estruturais.....54
Figura 7: Mesas e cadeiras.....61
Figura 8: Data show, caixa de som e notebook montados.....62
Figura 9: Estantes com acervo de livros.....63
Figura 10: Caixas separadas por temas de interesse atual e pertinente a unidade escolar.....64
Figura 11: Espaços para computadores de mesa.....65
Figura 12: Espaços e recursos / Ampliando as opções.....66
Figura 13: Estante móvel e caixa de objetos.....67
Figura 14: Livros em quantidade 68
Figura 15: Espaço para quarentena dos livros e objetos.....69
Figura 16: Acervo multimídia permanente.....70
Figura 17: Captura de tela do vídeo produzido.....75

Lista de quadros

Quadro 1: Perguntas enviadas para avaliação do novo espaço.....71
Quadro 2: Todas as respostas da terceira pergunta da pesquisa enviada.....73
Quadro3: Lista de decisões que foram tomadas após pesquisa.....74
Quadro 4: Lista de desafios que necessitam de verba para realização.....74
Quadro 5: Lista de metas pedagógicas.....75

Lista de tabelas

Tabela 1: Materiais disponíveis na unidade escolar.....49
Tabela 2: Materiais disponíveis para compor a sala de leitura.....50
Tabela 3: Lista de doações da caixa econômica federal separadas para sala de leitura.....55
Tabela 4: Material recebido de doação anônima 56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de famílias da unidade que tem acesso à Internet.....41
Gráfico 2: Diagrama de Ishikawa / Análise da unidade escolar.....43
Gráfico 3: Quantidade e tipo de funcionários consultados 46
Gráfico 4: Consulta sobre acessibilidade dos recursos.....47
Gráfico 5: O que os funcionários acham que é mais relevante para contribuir com a utilização dos recursos.....47
Gráfico 6: Pesquisa PPA 2021 sobre quais temas deveriam ser abordados.....59
Gráfico7: Quantidade e função de funcionários que responderam à pesquisa.....72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum curricular

SDP – Sistema descentralizado de pagamento

GIL – Gerência de infraestrutura e logística

PI – Professor de disciplina específica

PII – Professor de ensino fundamental

PEF – Professor ensino fundamental

PEI – Professor de educação infantil

SME – Secretaria municipal de educação

PPA – Projeto pedagógico anual

PPP – Projeto político pedagógico

COVID – Corona vírus disease

TDIC – Tecnologias digitais da informação e comunicação

TICs – Tecnologias de comunicação e informação

NTICs – Novas tecnologias de comunicação e informação

GNL – Grupo nova Londres

NLG – *New London group*

EUA – Estados Unidos da América

PDDE – Programa dinheiro direto na escola

CRE – Coordenadoria regional de educação

SL – Sala de Leitura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....15
1.1. Inquietação 16
1.2. Caracterização do problema 17
1.2.1. Contexto educação 17
1.2.2. Contexto social 17
1.2.3. Contexto cultural 18
1.2.4. Contexto Design 19
1.2.5. Contexto Multiletramento 19
1.2.6. Contexto Gestão 20
1.3. Objetivo geral 21
1.3.1. Objetivos específicos 21
2. REFERENCIAL TEÓRICO 21
2.1. As mudanças nas formas de leituras 21
2.2. Alfabetização, letramento e multiletramentos.....23
2.3. Projeto 27
2.4. Sala de leitura – Espaço para ampliar: Cultura digital e novos significados 27
3. DOCUMENTOS REGULADORES QUE ABORDAM O ASSUNTO 29
3.1. Documentos da prefeitura do Rio de Janeiro para sala de leitura.....30
3.2. BNCC 30
3.3. Currículo carioca 32
3.4. PPP da unidade escolar 33
4. CONTEXTUALIZAÇÃO 35
4.1. Breve histórico da unidade escolar 35
4.2. Escola conectada 38
4.3. O professor 38
4.4. O aluno 39
5. ENFOQUE METODOLÓGICO 40
6. RESULTADOS.....43
6.1. Observação do problema – Diagrama de Ishikawa 43
6.2. Socialização do projeto com os funcionários.....44
6.3. Consulta aos educadores.....46

6.4. Levantamento e ações de reestruturação do ambiente.....48
6.5. Doação Caixa Econômica 53
6.6 Parceria com doador amigo da escola 54
6.7. Mobília 56
6.8. Arquivo digital do acervo 55
6.9. Novas caixas, novas culturas, novas abordagens 57
7. AVALIAÇÃO/RESULTADOS 59
7.1. Avaliação por fotos 59
7.2. Avaliação realizada com os funcionários 69
7.3 Tomada de decisões.....72
7.4 Desafios que necessitam de recursos financeiros para serem vencidos....72
7.5. Metas pedagógicas 73
7.6. Produto educacional 73
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 73
9. REFERÊNCIAS 77

1.INTRODUÇÃO

Essa dissertação parte de um olhar sensível de uma gestora que, junto com sua equipe, administra uma escola municipal no Rio de Janeiro. Com foco nas crianças, funcionários, famílias, enfim, em todo contexto escolar, busca colaborar com as necessidades reais do ambiente que atua e deseja potencializar todos os espaços da unidade, cenários esses, amplamente explorados no decorrer do capítulo 1 desse trabalho. O objetivo geral dessa pesquisa, especificado no capítulo 2, foi de formular recomendações para a reorganização e utilização de recursos que se encontravam disponíveis, porém pouco aproveitados, e discutir seus efeitos e vantagens com base em um conjunto de premissas.

Do ponto de vista metodológico, durante o capítulo 3 e 4, esta pesquisa de intervenção irá descrever todo contexto e aprofundar a base teórica para criar um forte alicerce, entendendo que a multiplicidade de linguagens, semioses, mídias e a diversidade cultural têm se tornado cada vez mais relevante na forma de interação em diversos contextos sociais. No capítulo 5 vamos desenvolver todo caminho com as soluções possíveis, a elaboração das etapas, possibilidades e recursos para colocar em prática um ambiente prazeroso e que proporcione o diálogo com os diferentes tipos de textos que circulam socialmente, já fazendo parte do cotidiano dos alunos.

No capítulo 7, todo processo e repercussão é avaliado. Durante a pesquisa o mundo passou por uma pandemia gerada pelo vírus COVID-19, abalando o Brasil e com consequências muito impactantes nas unidades de educação. A escola pesquisada teve suas portas fechadas em 16 de março de 2020 e até a finalização dessa pesquisa não retornou ao ensino presencial total. Diante de tantos desafios que uma escola pública já tem, a distância das crianças foi um grande dificultador. O acesso às aulas e a interação com a escola só poderia ser feita através de ferramentas que utilizam a Internet e, infelizmente, muitos alunos ficaram de fora por questões sociais e culturais diversas.

Na conclusão, com a base da investigação sendo o design + multiletramentos, que sempre estiveram vinculados à inovação, a pesquisa buscou suprir as necessidades da época através do pensamento estratégico e atual. Sem alunos, a investigação seguiu com os funcionários, entendendo que tudo ficaria pronto

aguardando um futuro retorno à normalidade, para assim ser experimentado e aprimorado junto com as crianças.

1.1. Inquietação

Essa pesquisa é fruto da minha experiência como docente na Educação básica da rede pública do Município do Rio de janeiro. Ingressei no primeiro concurso público em 2011 como professora de educação infantil e em 2013, na segunda matrícula, no mesmo cargo. Em 2019, fui convidada por uma gestão já estabelecida, porém recente, que atuava na escola há apenas um ano e meio, para exercer a função gratificada de Diretora Adjunta. Seria uma nova experiência, em um espaço que não conhecia. A escola está localizada na zona sul do Rio de Janeiro, no bairro da Lagoa.

Nos primeiros dias, ao conhecer os espaços da unidade escolar, deparei-me com uma sala que ficava sempre fechada e que abrigava computadores, livros e muitos objetos sem intencionalidade. Ao entrar, o ambiente era escuro, com cheiro de mofo e aglomerava outros objetos, tornando o local também um depósito. Todas as salas eram abertas no início do funcionamento da unidade, mas essa sala - que chamamos de sala de leitura - estava sempre fechada e nem era percebida como parte da unidade. Em outros espaços da escola, os recursos tecnológicos estavam espalhados, alguns sem uso e outros com aspecto de que eram pouquíssimos utilizados. Nesses primeiros meses de observação como gestora, percebi que em alguns momentos raros, alguns recursos eram utilizados, como por exemplo o aparelho de data show, mas sempre pela mesma professora e como o mesmo fim, passar imagens. No planejamento das aulas, o recurso era apenas uma substituição de outro objeto, sempre como algo monótono e previsível. Para entender melhor as propostas da unidade, tive longas conversas com a gestão que já se encontrava lá, consultei o Projeto Político Pedagógico e o plano de gestão. Percebi que uma das metas presente nos documentos, era a reestruturação da sala de leitura, que estava sem uso e a ressignificação dos recursos presentes na escola. A proposta da pesquisa surge motivada por uma problemática a qual percebi a necessidade de aprofundar a compreensão e buscar uma solução. Ao passar pelo corredor da escola, todo dia era confrontada pelo problema, via as salas de aula cheias de vida com as crianças nas aulas, e ao chegar ao final do corredor tinha uma porta sempre fechada, sem uso e

que foi aos poucos virando deposito, via o material empoeirado, mofado e estragando por falta de uso. Certa vez, ao usar a sala de leitura para fotografar os alunos para o sistema de gestão acadêmica (SGA 3.0) percebi que muitas crianças ficaram espantadas em conhecer um novo ambiente que nunca acessaram e que nem sabiam que existia. Não fazia sentido estudar as situações pertinentes ao problema como se fosse uma observadora externa, sem conexão com o processo que observava. Ao contrário a luta é que como pesquisadora não deixei que o papel que exercia na pesquisa tomasse conta do processo e confundisse os caminhos que seguiria. Alterar o estado das coisas que vivenciava no meu cotidiano se mostrava sempre tão urgente que retomar com consciência o seu papel na pesquisa se tornou várias vezes necessário.

1.2. Caracterização do problema

1.2.1. Contexto educação

Todos estamos percebendo que a sociedade vem mudando nas suas formas de se divertir, organizar-se, de receber, produzir, interagir, ensinar, aprender. Como afirma Martin (1993) “o livro já não exerce o poder que dispôs antigamente, já não é o mestre dos nossos raciocínios e sentimentos em face dos novos meios de informação e comunicação, de que doravante dispomos”, pois já divide seu anterior protagonismo com outras formas leituras. E por onde estamos caminhando no ensino? Se a educação é o caminho para mudar a sociedade, por que temos na escola modelos que não espelham o coletivo? Embora a tecnologia esteja cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, os livros e as tecnologias digitais são vistos por muitos ainda como opostas. O temor de que a Internet desencoraje ou desestimule o interesse por livros, faz com que as pessoas envolvidas com a educação criem afirmações sem experimentação.

1.2.2. Contexto social

Há uma certa confusão entre informação e conhecimento. Ter objetos, no caso, livros, aparelhos eletrônicos e até um espaço estabelecido, não é certeza de produção de conhecimento. Não se integra conhecimento apenas manipulando o objeto, visto que é preciso produzir, criar, apropriar-se usando os artefatos como meio.

Apesar de encontramos nos diferentes núcleos familiares formas distintas de interação com a tecnologia, os desafios no contexto social ainda são grandes no Brasil. A realidade das crianças nas escolas públicas no Rio de Janeiro é diversa. Mesmo com a democratização do conhecimento através da Internet, a escola ainda é o melhor ambiente para que os alunos tenham o acesso ao saber, pois no contexto escolar as dificuldades sociais são diminuídas, bem como as oportunidades naquele espaço são oferecidas uniformemente. Nesse sentido, as bibliotecas podem ajudar nisso ao dar acesso a outras fontes de informação, como ferramentas de visualização, mecanismo de adição, salas interativas e outras mídias caras demais para o leitor ou estudante médio (BATTLES, 2003). Não permitir que todos tenham contato com a tecnologia e um uso significativo dela no dia a dia, é promover a desigualdade. Na perspectiva política, não é somente uma questão de mobilizar e motivar a aprendizagem - o que já seria por si só um motivo interessante, já que faria as situações de ensino mais prazerosas -, uma vez que tem uma dimensão de organização pública. Nos dias atuais, possibilitar condições de paridade passa por dominar a tecnologia, por ter uma discussão sobre ela.

1.2.3. Contexto cultural

A globalização, a evolução científica e a popularização dos dispositivos tecnológicos influenciam o modo de pensar e agir. Isso tem evidenciado a importância da produção do conhecimento e o uso da informação como elementos integrantes da riqueza e poder na contemporaneidade. Na sociedade da informação, todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2005, p. 61). Diante desta comprovação, a formação dos alunos precisa envolver habilidades específicas para o trato com a, *disinformation* (desinformação) *e misinformation ("informação ruim",* em tradução livre), pós-verdade, *haters* nas redes sociais, movimentos de protesto, são situações do mundo virtual que estão no nosso dia a dia. Desta forma, podemos entender que na educação o foco deixou de ser o domínio e repasse das informações, mas passou a ser a oportunização do acesso para todos. É diligente investir na criação de competências que permitam os indivíduos à curadoria de informações, criticidade, criatividade e criação de conteúdo. A “cultura digital” se refere às adaptações necessárias para

acompanhar os avanços tecnológicos advindos da transformação digital, implicando o uso de ferramentas digitais em atividades cotidianas e a reflexão sobre isso.

1.2.4. Contexto design

Segundo Kress (2010) o termo design tem aparecido com frequência nas ciências humanas e sociais. No panorama dos multiletramentos, o entendimento de design é visto como uma investida de adaptação de professores e alunos sendo um termo central e primordial no trabalho semiótico. Na perspectiva do docente, o design transforma o cenário atual, o professor já não impõe mais um currículo, temáticas prontas e apenas a língua padrão. No que diz respeito aos educandos, eles são intermediários nesse processo pedagógico, não mais só recebem, mas colaboram ativamente como produtores de significados. Portanto, professor e aluno tornam-se designers ativos que estão o tempo todo propondo alternativas que possam conversar com os consumos globais e agregam com aspectos de seu contexto na nova estruturação educativa. O ambiente é marcado pela fluidez e não convencionalidade.

1.2.5. Contexto multiletramento

A multimodalidade está presente no nosso cotidiano. Não apenas postamos fotos nas redes sociais, mas lá também enviamos mensagem, falamos em particular, fazemos vídeos, enviamos memes, figurinha, além de muitas outras possibilidades, o que ajuda a promover o multiculturalismo, onde várias culturas se encontram em um mesmo ambiente, mesmo que seja ele virtual. É um fenômeno social que pode ser relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas,

> conforme o aumento significativo da diversidade cultural e linguística em uma economia global, e a complexidade dos textos no que se refere a formas não linguísticas, multimodais de representação, comunicação, não somente limitado a isso, como também aquelas afiliadas as novas tecnologias (JEWITT, 2008, p.145).

Já tínhamos muitas formas de expressão, com o avanço da Internet e a chegada de novas mídias de comunicação, remodelamos a forma de usar a língua. Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Mais do que incluir novos gêneros ou fazer o uso diferente dos ambientes e ferramentas nas aulas, a pedagogia vem antes da

tecnologia e, por isso, temos que adaptar as práticas à realidade do contexto escolar, entendendo que o ato de ler e escrever desempenha um papel social cultural.

1.2.6. Contexto gestão

Os desafios da gestão escolar são grandes, vão desde a troca de uma lâmpada até o gerenciamento de gastos de uma grande verba. A infraestrutura e a utilização dos recursos disponíveis são algumas dessas demandas. Cuidar para que sejam bem utilizados de maneira que proporcione ambientes agradáveis e estimulantes, os quais propiciem aos alunos uma experiência de aprendizagem mais atraente e enriquecedora, estimulando professores o gosto por compartilhar conhecimentos. Para Luck (2009), o gestor escolar tem um papel proativo no que se refere à implementação de ações inovadoras até ao entusiasmo para criação de expectativas que influenciam na atuação da equipe educacional e nos resultados almejados. Sabemos, no entanto, que iniciar um processo de transformação no ambiente escolar não se faz do dia para a noite. Ter um planejamento bem definido, considerando os problemas do passado e as metas que se deseja alcançar, ajuda a executar métodos e ações efetivas. A mudança dessa realidade começa pela ação continuada da gestão, observando atentamente os vários espaços de uma escola; revelam-se detalhes sobre inúmeros aspectos e oportunidades. Administrar os recursos levando em conta as reais necessidades da escola diminui prejuízos e colabora com a melhoria da aprendizagem. Além disso, o modelo de gestão participativa, no qual o corpo docente e a comunidade externa devem contribuir com suas habilidades, faz da escola um espaço de articulação e de convergência de múltiplas forças. A gestão envolvida com a participação de todos os membros da comunidade escolar resulta numa ação mais qualificada na construção do conhecimento e na estruturação das relações internas e externas.

1.3. Objetivo geral

O objetivo da pesquisa é elaborar uma proposta de reestruturação e uso dos recursos tecnológicos da sala de leitura e discutir seus resultados/benefícios junto à comunidade escolar.

1.3.1. Objetivos específicos

- Identificar por meio de literatura modos apropriados de intervenção;
- Mapear o espaço físico e tudo que deve ser alterado;
- Selecionar recursos para fazer as alterações;
- Aplicar as alterações com base nas literaturas e com os recursos disponíveis;
- Avaliar os impactos dessa modificação junto à comunidade escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta parte destina-se à apresentação das principais contribuições teóricas que serviam de base para a pesquisa de intervenção. Para entender todo trabalho, foram abordados temas como: letramentos, multiletramentos, sala de leitura, importância dos espaços na aprendizagem, bem como o uso do design nessa construção. Então, optamos por fazer uma revisão de literatura e entender a contextualização do campo para depois comentarmos os aspectos metodológicos. A fundamentação teórica desta pesquisa foi baseada em leituras de diversas obras, artigos que dialogavam com o tema e de várias pesquisas que oferecem contribuição e reflexões a respeito da importância dos espaços, recursos e multiletramentos, auxiliando na formação de cidadãos capazes, críticos e autônomos nas suas escolas, nas decisões do cotidiano. Na contemporaneidade, uma educação linguística adequada a um alunado multicultural se configura como aquela que possa trazer aos alunos projetos (designs) de futuro que considerem três dimensões: a diversidade produtiva (no âmbito do trabalho), o pluralismo cívico (no âmbito da cidadania) e as identidades multifacetadas (no âmbito da vida pessoal) (KALANTZIS; COPE, 2006a).

2.1. As mudanças nas formas de leituras

Não só podemos achar muitas coisas que procuraríamos em livros na Internet, como podemos achar o próprio livro em novo formato. Não devemos menosprezar a singularidade da revolução que nos fez entrar no mundo digital. Segundo Roxane Rojo (2020) na *Live* disponível no Youtube intitulada “Multiletramento e TDICs em tempos de pandemia”, ao longo da história da comunicação escrita e da leitura tivemos baseado em Roger Chartier, a escrita em si como a primeira revolução. Já a 2ª revolução – de suporte: do rolo ao códice, trouxe a união da leitura e escrita. No uso do rolo, quase sempre quem lia não escrevia, e quem escriva não lia, já que essas

funções eram separadas. Com a chegada do códice, as mãos que antes eram ocupadas com o rolo, puderam fazer anotações na margem e a organização modificou com a paginação, índice, nota de rodapé etc. A 3ª revolução – Técnica: imprensa possibilitou uma democratização do livro, onde antes havia apenas um ou dois exemplares feitos pelos copistas nos monastérios, passa a ser impresso e distribuído em maior quantidade. A casa do livro que era o monastério torna-se escola e universidade. Passamos de uma leitura intensiva para uma leitura extensiva, que se torna acessível a partir de uma população democratizada. Já a 4º (ou 5º) revolução – técnica do livro à tela - o texto digital, o leitor passa a ter domínio sobre o texto, ele pode apagar, copiar, deslocar... A leitura e escrita se fazem ao mesmo tempo. As noções jurídicas são redefinidas e as regulamentações modernizadas. Assim, temos a leitura, segundo Roger Chartier, uma prática social móvel em sua forma e sentidos. Dessa maneira,

> [...] pela primeira vez, estes três níveis: o nível da técnica, o nível da forma de suporte, e o nível da prática da leitura se transformam ao mesmo tempo [...] E isso implica, ou permite, uma transformação da relação com o texto escrito pelo leitor. (CHARTIER, 2004).

Em decorrência do surgimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) nas últimas décadas a sociedade vem passando por um grande processo de transformação. As novas gerações, que resolvem tudo em um clique, estão presentes nas escolas. Os espaços escolares se veem em um grande desafio: como incorporar de forma significativa, crítica e produtiva esses novos recursos? A inserção das TDICs no cotidiano da sociedade trouxe para escola uma reflexão sobre métodos e formas de ensinar para a vida. São necessárias novas ferramentas e novas práticas para dar conta da multiplicidade de linguagem das produções em circulação. As metodologias de ensino devem incluir o uso de vídeos, áudios, tratamento de imagem, edição e diagramação (ROJO, 2012, p,21).

O uso dos computadores, smartphones e da Internet na escola tem se tornado cada vez mais comum e constante, pois é a decorrência de uma sociedade cada vez mais hipersemiotizada. A entrada das tecnologias no contexto escolar trouxe para a escola uma reflexão sobre seus métodos e práticas escolares cotidianas. Segundo Oliveira (2012), a introdução das NTICs na escola pode ser associada ao desenvolvimento crítico dos alunos e à qualidade dos conteúdos veiculados na rede, fazendo-se necessário o trabalho com as diferentes semioses, analisando sua função na construção de sentido do texto.

A mudança tecnológica está no centro da globalização, destacando a linguagem on-line como um dos fatores de transformação da vida contemporânea, política e social, impactando a linguagem e as práticas comunicativas. No entanto, a palavra escrita ainda é central para toda a interação e criação de conteúdo, mesmo com toda multimodalidade desses espaços de escrita on-line (BARTON; LEE, 2015).

Em muitos espaços de ensino, os novos recursos tecnológicos e os ambientes de aprendizagem não se comunicam e não é difícil encontrar nesses lugares armários cheios de tais artefatos, sem que ao menos tenham saído da caixa. Mudar não é uma tarefa fácil, pois envolve decisão, ousadia e, sobretudo, coragem. Não ter medo de construir novas metodologias de ensino e fazer uso, assim, das NTICs.

No cenário atual, diante das mudanças sociais e tecnológicas, as novas formas de comunicação, interação e expressão, os multiletramentos são importantes na formação desse cidadão crítico, aproximando a realidade social vivida pela criança do universo escolar, por isso justifica a escolha do tema da pesquisa. Conforme Rojo,

> [...] pensando na questão da formação para o trabalho, para a cidadania, para a vida pessoal, enfim. Portanto, funcionar, primeiro colaborativamente, segundo "protagonistamente" implicaria em uma pedagogia de projeto e não em uma pedagogia de conteúdo (ROJO, 2013, p.2, grifos da autora).

Ainda vemos nas escolas a educação transmissiva ou analógica, onde a criança recebe somente a informação sem questionamentos, análises ou intervenções. À vista disso, as instituições educacionais não podem apenas consumir, mas também devem produzir, questionar e transformar as tecnologias.

2.2. Alfabetização, letramento e multiletramento

Os estudos sobre letramento surgiram em meados dos anos 1980, como uma forma de separar as pesquisas sobre a alfabetização da leitura social (de mundo), considerando os impactos sociais da escrita, e as novas formas de ler. Segundo Soares (2009, p. 33), esse termo parece ter sido usado pela primeira vez no país no ano de 1986 por Mary Kato, no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Como parte de título de livro, o termo apareceu no ano de 1995 nos livros *Os significados do letramento*, organizado por Angela Kleiman (1995) e *Letramento e alfabetização* (2002), de Leda V. Tfouni. No decorrer do livro *Letramento e alfabetização*, Tfouni explicita que

> A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta (2010, p. 32).

Nos muitos debates e estudos que vêm acontecendo em relação aos estudos da linguagem, destaca-se a importância do uso das novas tecnologias (NTICs), como novos conceitos de letramento. Visando assim, novas propostas de ensino-aprendizagem que levem em conta os "letramentos múltiplos, ou multiletramentos, abrangendo leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos em enfoque multicultural" (ROJO, 2013, p. 8).

Para que realmente isso ocorra, deve-se conhecer o contexto social e cultural que essa unidade escolar está inserida, para saber quais linguagens terão significado e farão sentido para as pessoas envolvidas.

Com o advento da Internet, as produções e distribuição de informações passam a ser mais democráticas, antes grupos que por questões sociais e culturais apenas recebiam o que era oferecido, hoje podem buscar e produzir seus discursos. Lima e Grande (2013) descrevem que:

> As práticas de letramento na hipermídia permitem aos jovens comparar experiências de vida, eventos e situações de diferentes pontos de vista: de sua sociedade de origem e da sociedade em que vivem. A bifocalidade não é desenvolvida exclusivamente por jovens migrantes em práticas de letramento na hipermídia, mas por todos, a partir do acesso a discursos de diferentes perspectivas. (LIMA; GRANDE, 2013, p. 46).

A visão de uma pedagogia dos multiletramentos surgiu em 1996 em um manifesto de professores e pesquisadores americanos, como resultado de um colóquio do *New London Group* (doravante NLG), um conjunto de pesquisadores da Linguística e da Educação que se reuniu na cidade de Nova Londres (Connecticut – EUA). O Grupo de Nova Londres (GNL), discutiu os propósitos da educação de forma geral e os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea. O manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures*, sugeria incorporar na prática escolar a diversidade de mídias, de linguagens e de culturas introduzidas pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Segundo a autora Roxane Rojo, para abranger esses dois "multi" - a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: multiletramentos (ROJO, 2012, p.13). O conceito de multiletramentos vai além, então, das noções de

letramento: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Nos termos de Cope e Kalantzis (2000) que, entre outros, estão à frente do grupo de Londres, o termo multiletramento ressalta duas mudanças importantes: o crescimento do valor dado à diversidade cultural, em um mundo globalizado e a influência da linguagem das tecnologias, com as variadas formas, verbal, imagem, escrita, áudio etc. A proposta do multiletramento é que a escola forme cidadãos capazes de analisar e debater a respeito da combinação de elementos de diversas culturas e meios de comunicação que o cercam, e que formam uma diferente expressão cultural. Voltando-se para o Brasil, os autores explicam que

> Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação ("novos letramentos"), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramento, valorizados [...] ou desvalorizados [...] (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Conforme o Grupo de Nova Londres (NLG, 1996, p. 61), as novas tecnologias permitiram uma maior autonomia dos diferentes modos de vida, fazendo com que os limites entre essas divergências se tornassem cada vez menos definidos.

Na perspectiva dos multiletramentos, é importante trabalhar com uma grande variedade de linguagens e discursos para criar uma maior interação entre as linguagens. Seja por meio da interpretação ou de diversos contextos, nos quais a gramática não é utilizada apenas como norma padrão, mas algo que permite a busca por novos horizontes, mostrando as mudanças nessas diversas modalidades (ROJO, 2013).

Podemos identificar essas necessidades, e algumas dessas características dos multiletramentos e dos novos textos que são vistos como importantes para serem mediadores de interação de diversos níveis, quando Rojo e Moura (2012, p. 23) pontuam que

> (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais u não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Assim sendo, alfabetização, letramento e multiletramento são interligados, pois transitam por caminhos que ajudam a construção do conhecimento, mas cada um deles tem sua incumbência importante na língua, dado que alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever; letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita, e multiletramento são textos compostos de muitas linguagens que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer, significar e ressignificar.

2.3. Projeto

A expressão “Multiletramentos” desenvolveu-se pelo mundo e especialmente no Brasil, estabelecendo ligações entre multiletramentos e novas tecnologias. Nesse contexto, a pedagogia de multiletramentos objetiva o desenvolvimento da capacidade de cuidar da construção de sentidos, tornando a pedagogia mais produtiva, relevante, inovadora, criativa e apta a transformar vidas.

Conquanto o manifesto reconheça o valor do letramento escolar grafocêntrico, não se limita a ele, visto que é escasso para atender às demandas mutacionais existentes, em especial, as tecnológicas. Por essa razão, o manifesto inclina-se ao estudo semiótico dos textos através de meios diversos de produção, veiculação e consumo de existências tanto locais quanto globais.

Segundo o *The New London Group* (2006), o multiletramento se apoia em dois fundamentos: “a multiplicidade de canais e meios de comunicação e, também, o crescente ressalto de diversidades linguísticas e ainda cultural”. Diante desses fundamentos, o grupo sustenta o ensino, a partir de propostas que norteiem essa diversidade, com visibilidade aos aspectos profissional, pessoal e cidadão.

Na perspectiva de uma pedagogia de multiletramentos, a qual projete futuros sociais, abrangendo os três aspectos supracitados (profissional, pessoal e cidadão), o Grupo de Nova Londres propõe o design como a síntese do significado de todo esse contexto, o qual é ressignificado para além do aspecto profissional, abarcando também os aspectos pessoal e cidadão. Três elementares constituem a formação do design. São eles: *available designs*, *designing* e *redesigned*. Em síntese, o discente utiliza-se de recursos acessíveis (*available designs*); projetando e planejando

(*designing*); e finalmente reconstrói, reorganiza, pondo a ideia em ação de maneira crítica (*redesigned*).

Sem pormenorizar, a prática situada relaciona-se ao contexto do mundo real ao qual o aluno ou professor está inserido. Já a instrução explícita, utiliza-se da metalinguagem empregada por alunos e professores, sintetizando a explicitação de modos de significados diversos. Enquanto o enquadramento crítico ocorre através de análise de interpretação contextual social, cultural e político. Por fim, a prática transformadora é o resultado da recriação de sentidos por meio de uma intervenção inovadora em diferentes contextos.

Nesse universo, o NLG manifesta que os alunos são incitados a compreenderem as maneiras que os textos atuam, a buscar estruturar significados, intenções e possibilidades existentes nos ambientes sociais diversos. Isso visa a tornar, a partir do direcionamento do professor, alunos designers de seus futuros sociais; sendo assim planejadores, autores e construtores de seus próprios coletivos.

2.4. Sala de leitura - espaço para ampliar: cultura digital e novos significados

Nesse contexto, os textos multimodais se firmaram como uma das manifestações mais importantes de nossa época. De acordo com o dicionário, a palavra multimodal significa: aquele que se realiza ou contém muitos modos; de várias formas, feitios (MULTIMODAL,2021). Neste caso, podemos pensar que o texto multimodal apresenta duas ou mais modalidades de comunicação, de linguagem. Assim temos, por exemplo, a união de palavras mais gestos, palavras mais imagens, palavras mais animações e outros. Nessa lógica, a ideia de comunicação multimodal amplia nossa visão sobre o assunto e vemos que esse tipo de comunicação extrapola os limites do tecnológico. Podemos ver traços multimodais dentro da escrita quando o autor altera cor, a fonte ou o tamanho das letras do seu texto no intuito de obter um efeito. Já em outros casos, percebemos as multimodalidades em ações mesmo em produções como as charges, as histórias em quadrinhos e as propagandas em que os sentidos só se completam com a junção das palavras e das imagens. No entanto, na atualidade surgiram novas configurações de multimodalidade, por exemplo na forma de podcasts, páginas que se alinham à tecnologia para dar conta do mundo complexo. A comunicação através de aplicativos, como o WhatsApp ganha muito mais sentido quando vem associada a emojis ou o Twitter, que agrega importância quando

está atrelada a vídeos, ou seja, o comentário junto com o vídeo produz um sentido diferente do que produziria esses elementos postados separadamente.

Toda essa gama de comunicações propiciou também uma nova forma de nos relacionarmos com o texto, visto que, nesse aspecto, podemos pensar em um modo diferenciado de leitura: a leitura multimodal. O surgimento dos textos multimodais em meios tecnológicos fez com que aparecessem também novas formas de leitura e produção de texto. Em um universo hipertextual e multimidiático, convido o leitor a pensar a leitura de uma nova forma. Por causa da junção de diferentes modalidades de linguagem, surgem também novas relações. Nesse prisma, as imagens, por exemplo, podem cercar, se colocar de forma intercalada, ou se infiltrar no texto de uma maneira que não se pode dividir mais o que é texto e o que é imagem. Esse processo gera uma recombinação de conteúdos que provoca uma série de novos sentidos, isso porque elementos são combinados com outros completamente diferentes. Tal modificação de combinações causa uma confusão na cabeça de muita gente, pois somos envolvidos em postagens nas redes sociais que transformam heróis e vilões ou vilões e heróis, porém o consumo sucessivo desse tipo de texto aguça a capacidade de leitura contextual. Como no caso dos memes que só fazem sentido se o leitor combinar o uso de um elemento em um novo contexto para obter o efeito de humor. À vista disso, a leitura já não tem um comportamento padrão, uma vez que ganha o controle do leitor, realizando as semioses, a junção entre o verbal e o imagético. Daí a importância de um espaço que abrigue e promova a formação leitora e que acompanhe a maneira com que a humanidade se relaciona com os textos.

Com o advento das NTICs, surgem as novas possibilidades de produção leituras ampliando a nossa visão. Lima (*apud* SANTAELLA, 2013, p. 39) classifica como “[...] hipercomplexidade midiática, com seis tipos de lógica culturais: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura”, lançando assim, novas possibilidades de protagonismo, relacionamento e contribuição.

Nesse sentido, a escola deve repensar suas práticas de letramento crítico e democrático, para que busquem comtemplar o repertório de mundo, a cultura local da criança, o que é levado como reportório para sala de aula. Hoje sabemos que o que é visto e ouvido já não é mais local, se tornou global. Não abandonando o que é próprio da criança, mas ampliando e tornando cada vez mais rico, com possibilidades de gerar

novos saberes. As mídias digitais trazem essa perspectiva, pois aceitam uma nova gama de semioses, ao mostrar em seus discursos diferentes recursos semióticos e diversas combinatórias possíveis para atingir uma nova finalidade e novos temas que provocam mudanças nos gêneros discursivos e nos termos de multimodalidade (ROJO, 2013).

Inserir as novas tecnologias disponíveis na escola no espaço da sala de leitura, passa por várias ampliações de possibilidades, sobretudo por tornar um espaço ocioso que não havia recebido atenção em um novo ambiente para as crianças, ampliando, assim, o uso da sala de leitura e agregando novas formas de ler. Conforme a resolução SME Nº 1072, de 31 de março de 2010 “as ações a serem desenvolvidas têm como princípio norteador o prazer de ler e o gosto pela leitura, a partir da compreensão da leitura como prática social que se dá dentro e fora da escola”.

Mas como falar de leitura sem falar dos espaços destinados a ela e sobre a formação do aluno leitor? Será possível formar leitores competentes e autônomos sem que se desperte nestes o interesse pela leitura? Será possível que as crianças adquiram o prazer por ler com a ausência de ambientes de leitura acolhedores e prazerosos? A criação e organização dos espaços interferem diretamente na percepção do indivíduo, podendo descobrir a leitura como um prazer ou como uma obrigação. Sabendo que a sala de leitura pode funcionar com um ponto de partida para armazenar e organizar o que se tem de possibilidades na unidade escolar, não esquecendo que os fazeres e saberes podem ser ampliados para todos os cantos da escola.

Os espaços não são usados apenas para guardar os acervos. A forma como são pensados e ambientados revela a tentativa de torná-los convidativos, criando locais que favorecem a circulação das crianças, considerando suas diferentes formas de ler. Individualmente, ao lado de colegas ou ouvindo um leitor mais experiente, por exemplo. E reorganizando os espaços de acordo com as propostas que pretendem realizar.

3. DOCUMENTOS REGULADORES QUE ABORDAM O ASSUNTO DA PESQUISA

A partir das orientações dos documentos oficiais e norteadores destacados, percebemos ser importante que a escola se atente às novas tecnologias e promova a

mediação por meio delas entre a sociedade e as diversas culturas, bem como por muitos meios de comunicação e produção.

3.1. Documentos da prefeitura do Rio de Janeiro para sala de leitura

Realizamos contato com a Gerência de educação da 2ª Coordenadoria, que é responsável pela escola pesquisada. Recebemos por e-mail documentos, resoluções e decretos municipais que norteiam as diretrizes da sala de leitura. Durante a pandemia alguns decretos foram lançados, mas tratavam especificamente de protocolos de segurança. Portanto, o documento que dispõe mais objetivamente sobre a estrutura e funcionamento dessas salas nas escolas, tem data de 31 de março de 2010. Feita uma análise do documento, acreditamos que deveria ser atualizado, pois não acompanhou as mudanças em decorrência das características da sociedade contemporânea, que vem se transformando continuamente e rapidamente, principalmente que comtemple as novas tecnologias. No art. 6º da resolução, o texto determina que o espaço físico deve contar com pelo menos 1(um) computador conectado à Internet, com impressora, e enfatiza que o fim é para digitalização do acervo e controle de empréstimos. Não existe nesse documento nenhum incentivo ao uso das tecnologias como forma de leitura e o desafio de novas produções. Podemos questionar que as novas orientações precisam incentivar investigações, produções que pensem que diferentes tipos de textos estão presentes e circulam socialmente. As formas de leitura têm afetado significativamente a comunicação do século presente, estendendo-se ao contexto escolar e à vida cotidiana, mesmo que de maneira irregular em cada situação. Com efeito, existem razões significativas, como abordamos na pesquisa, para enxergar o novo cenário.

3.2. BNCC

A Base Comum Curricular Nacional (BNCC) é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio no Brasil. Entre as dez competências gerais apresentadas, dois itens trazem a tecnologia como habilidade para o aprendizado. Enquanto uma diz respeito ao uso das linguagens tecnológicas e digitais, a outra fala em utilizar a tecnologia de maneira significativa, reflexiva e ética. Nele o objetivo

previsto é o uso de tecnologias e que os alunos a utilizem de maneira crítica e responsável ao longo da Educação Básica.

A 4ª competência se preocupa com a capacidade de se comunicar por meio de linguagens verbais, textuais, corporais, artísticas e científicas. Como também de saber se expressar utilizando plataformas multimídia analógicas e digitais. Tem como objetivo expressar-se e partilhar informações, sentimentos, ideias, experiências e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BNCC, 2018). Afirma que, para se comunicar de modo adequado, os estudantes devem entender, analisar criticamente e saber se expressar usando uma variedade de linguagens e plataformas. Ela também sublinha a importância de que a comunicação ocorra pautada pela escuta e pelo diálogo. Essas habilidades precisam ser trabalhadas nos estudos do meio que a escola promove. Os educadores devem abrir espaços contínuos para favorecer o debate e a visão crítica sobre tudo aquilo que eles estão vendo e vivenciando. A interlocução com os nativos ou com outros viajantes também devem ser fomentadas para uma abertura de horizontes culturais e para o contato com outras linguagens bem como com as expressões idiomáticas, sotaques e até outros idiomas.

Essa competência aponta que, para os alunos se comunicarem bem é preciso entender, analisar e criticar os variados tipos de linguagens e plataformas, incluindo a digital, para que, assim, eles possam se expressar e partilhar informações. A competência relembra também a importância de uma experiência mais completa através de diferentes formatos de expressão, a fim de tornar os alunos capazes de ouvir outras pessoas com atenção, interesse e respeito por suas ideias e sentimentos.

> Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BNCC, 2018, p. 9).

A competência geral 5 destaca a necessidade do desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso das tecnologias com os alunos para que eles construam conhecimentos com e sobre o uso dessas TDICs. Tem como objetivo: comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo de autoria (BNCC, 2018).

De acordo com a BNCC, além de constar nas competências gerais, a tecnologia também é citada entre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil e nas competências específicas de área nos Ensinos Fundamental e Médio, bem como nos respectivos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e habilidades.

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

Como um documento norteador da Educação Básica, a BNCC prevê o uso de tecnologias em sala de aula. Apesar de não representarem nenhuma regra definitiva para os currículos, eles funcionam como norte de atuação por meio das competências.

3.3. Currículo carioca

A origem da palavra currículo vem do latim “Currere” que significa rota, caminho. É por intermédio dele que as coisas acontecem na escola. Aqui o professor é um dos grandes artífices da construção dos currículos, que se tornam vivos nas escolas e salas de aula. Para a gestão de conhecimento no ambiente educacional, o currículo escolar é o referencial. E na construção desse caminho é importante que exista uma indicação tanto de conteúdos quanto de formas de trabalho – “o que” e “como” trabalhar no dia a dia das salas de aula. No entanto, o currículo não diz respeito apenas a uma relação de conteúdo, mas envolve também uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (VEIGA, 2002, p.7).

Isto posto, os municípios receberam o prazo de até o ano de 2020 adequar seu currículo de acordo com a Base Nacional Comum Curricular. No Rio de Janeiro, local onde se encontra a unidade de ensino da pesquisa, foi realizada pela secretaria municipal de educação uma consulta objetiva junto o grupo escolar, nos diferentes níveis de atuação no espaço de educação, resultando na construção do conhecimento

de acordo com os saberes históricos e os conhecimentos relacionados à vivência do discente em parâmetro com a realidade regional.

O currículo está sempre em construção, adaptando-se às mudanças da humanidade. Ele precisa ser muito claro para garantir conceitos, habilidades e procedimentos com evolução cognitiva. Esse documento atua como um mapa de navegação. A intenção é que com ele os educadores possam perceber com clareza o sequenciamento da aprendizagem, o que pode ajudar a identificar o que ainda não foi consolidado nesse processo e atuar de modo mais imediato.

Na perspectiva do multiletramento, o currículo carioca de língua portuguesa diz que

> nele reafirmamos a concepção que compreende a língua/linguagem como um fenômeno social. O ensino fundado nessa concepção significa uma escolha por trazer para o centro da aula a língua portuguesa como se apresenta na vida: múltipla, variável, dinâmica e inserida no jogo social. Dessa forma, ganham centralidade as atividades que possibilitam ao aluno o contato com a língua portuguesa em uso. A atitude diante do fato linguístico passa necessariamente pela relação uso-reflexão-uso (OCRJ, 2010).

A escola, sendo um lugar de troca de experiências, interações sociais e aprendizado, jamais poderá fazer de conta que nada está acontecendo, isto é, ficar alheia à realidade tecnológica pela qual passa o mundo. No entanto, vale ressaltar que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) jamais deverão ser incluídas no currículo escolar por modismo. Segundo o Currículo carioca de matemática (2020, pag. 2),

> nosso processo educacional procura se alinhar com as novas tecnologias e possibilitar a construção de habilidades e competências, através das quais os estudantes possam aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, sendo estes os quatro Pilares da Educação para o Século XXI, segundo a UNESCO.

Nesse sentido, o currículo carioca pretende assegurar de modo claro e preciso um conjunto de aprendizagens essenciais na tentativa de promover uma maior equidade, ou seja, uma redução nas desigualdades ao oferecer a todos os mesmos direitos de aprender.

3.4. PPP da unidade escolar

Ao juntar as três dimensões, (projeto/político/pedagógico), o PPP ganha a força de um guia - aquele que indica a direção a seguir não apenas para gestores e professores, mas também funcionários, alunos e famílias.

O projeto político pedagógico da unidade escolar foi revisitado no ano de 2019. Segundo a gestão da unidade escolar, o documento foi reelaborado a partir da coleta de informações junto à comunidade externa (fornecedores, vizinhos, parceiros etc.) e interna à escola (alunos, pais e funcionários). Ao mesmo tempo que usa uma linguagem formal, buscou-se também ser de fácil acesso para os membros da comunidade em que a instituição está inserida.

Após analisar com profundidade as mudanças pelas quais a escola passou e as novas necessidades dos alunos, algumas novas metas foram estabelecidas, entre elas a reabertura e estruturação da sala de leitura, a utilização dos recursos tecnológicos de forma mais efetiva e a organização dos espaços. Desenvolvemos a pesquisa também em concordância com esse documento, buscando comtemplar as metas estabelecidas pela comunidade escolar. Segundo o PPP, a visão da unidade é:

> [...] Acreditamos que a aprendizagem escolar está conectada com o cotidiano, sendo assim buscamos o vivenciar experiências que buscam a relação direta entre o conhecimento trabalhado em sala de aula e os desafios da realidade; buscando o professor assumir um papel desafiador e as crianças percebendo-se como parte integrante do mundo. [...]
> [...] Pensamos numa educação que ultrapassa a reprodução de saberes e fazeres, possibilitando a troca de experiências e a construção de aprendizagens significativas, sendo construída de forma dinâmica e participativa através de uma abordagem interdisciplinar, tendo em vista a formação do cidadão comprometido com a transformação da sociedade.

No documento, a escola descreve um paradoxo: uma sala fechada, ambientes com alto potencial pouco usado e muitos recursos materiais e tecnológicos sem utilização; por outro lado, os alunos reclamam de aulas cansativas e entediantes, enquanto os professores relatam sobre a dificuldade de atrair a atenção dos estudantes. Uma meta que dialoga com a pesquisa é como fazer com que recursos e espaços ociosos no ambiente escolar ganhem utilização e novos significados.

Uma proposta presente nessa reformulação do PPP é que a sala de leitura esteja ativa nos planejamentos, conselhos de classe e avaliações gerais sobre o trabalho da escola, sobretudo que as Salas de Leitura (SL) participem efetivamente

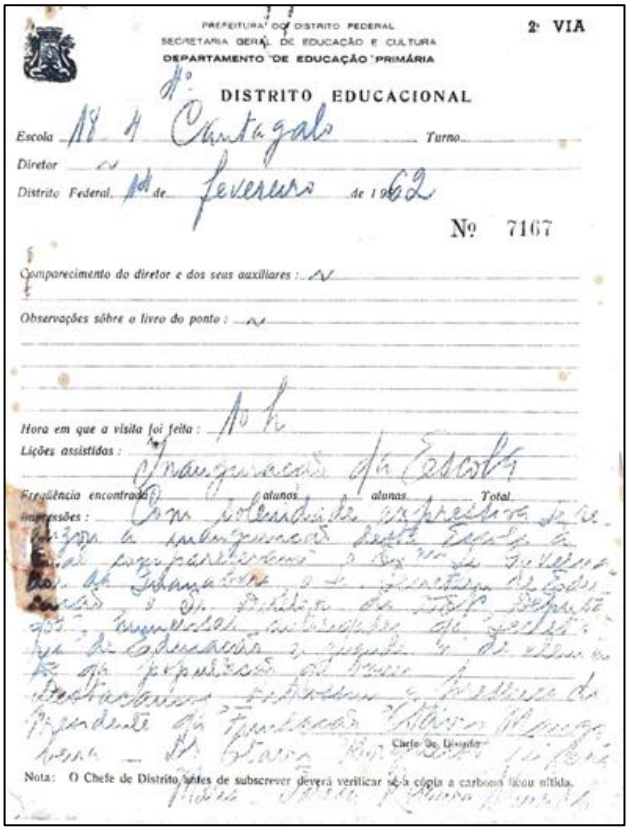
da concepção do PPP, ampliando, por sua vez, a compreensão sobre o papel da SL, que não apenas envolve o apoio e o suporte mais direto a projetos de sala de aula, mas também um trabalho de formação do leitor e formação cultural no sentido mais amplo. Integradas ao PPP, as SL se fazem centrais, funcionando como uma teia em relação ao todo da escola. Para que proponha e incorpore a todos os objetivos gerais no âmbito escolar, sendo não somente uma continuação da sala de aula, mas que tenha propostas próprias.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1. Breve histórico da unidade escolar

A Escola Municipal Edna Poncioni Ferreira localiza-se na Praça Benedito Cerqueira, sem número, no bairro da Lagoa, zona sul do Rio de Janeiro. Foi inaugurada em 19 de fevereiro de 1962, sob o nome de Escola Municipal Cantagalo. A escola foi construída para durar cinco anos, pela Fundação Otávio Mangabeira (FOM), fundada na gestão do Governador Carlos Lacerda (1961/1965), no antigo Estado da Guanabara, e tinha como objetivo viabilizar obras sociais através do patrocínio conseguido junto à iniciativa privada. O projeto das escolas FOM, que seriam temporárias, visava à economia de execução, à versatilidade da implantação em diversos tipos de terrenos e à rapidez na construção.

Figura 1 – Registro de inauguração da escola



PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

2ª VIA

DISTRITO EDUCACIONAL

Escola N 4 Cantagalo Turno
Diretor
Distrito Federal, 10 de fevereiro de 1962

Nº 7167

Comparecimento do diretor e dos seus auxiliares :
Observações sôbre o livro do ponto :
Hora em que a visita foi feita :
Lições assistidas :
Inauguração da Escola
Frequência encontrada alunos alunas Total
Impressões :

Chefe do Distrito

Nota: O Chefe de Distrito antes de subscrever deverá verificar se a cópia a carbono ficou nítida.

Fonte: Acervo da escola

A princípio, a escola atendia majoritariamente, aos moradores da antiga comunidade da Catacumba e da comunidade do Cantagalo. No livro de registros da escola, há transcrições datando de 1964, no qual a escola recebeu a visitação de pessoas de renome na época. Destacamos, a seguir, o relato do Presidente da Fundação Otávio Mangabeira, em 17 de junho de 1964:

> Venho distribuindo material escolar nesta escola, tive a satisfação de encontrá-la bem conservada e em pleno funcionamento quero dizer aqui os meus parabéns à sua Diretora, às professoras e aos felizes alunos que possuem tão dedicadas mestras.

Há na escola, portanto, uma série de relatos sobre o desenvolvimento do trabalho pedagógico, da merenda escolar e da conservação de suas dependências, ressaltando a qualidade do trabalho desenvolvido no seu interior.

Segundo relatos de antigos funcionários e professores desta escola, era sabido no início dos anos setenta, que o terreno que hoje abriga a escola pertencia ao então chefe de polícia do Rio de Janeiro, Fillinto Muller e havia sido doado para a construção

de uma escola que pudesse atender aos moradores de comunidades em torno da Lagoa. Vale lembrar que a casa que se localiza ao lado da escola, onde hoje funciona a Fundação Eva Klabin, também pertencera a este mesmo proprietário, de acordo com relatos dos funcionários da instituição, o que nos faz pensar que ambas as instituições: o espaço físico abrigou escola e fundação.

Em 1991, a escola muda de nome e passa a ser chamar Edna Poncioni Ferreira. Edna era uma professora que havia morrido recentemente e recebeu como homenagem póstuma a colocação do seu nome em uma escola. Ela lecionou em várias escolas públicas, trabalhou no Instituto Annes Dias e no Instituto de Pesquisas Educacionais, órgão da Secretaria de Educação. Como reconhecimento pelo seu trabalho junto ao serviço público, recebeu a Medalha Anchieta. Nos idos de 1960, Edna se tornou Diretora do Externato Santo Antonio, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde ficou por vinte anos. Faleceu aos 59 anos, no Rio de Janeiro e, em seguida, recebeu uma homenagem póstuma da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, a qual deu seu nome à escola.

A escola não passou por transformações e ainda possui o mesmo modelo que foi feito apenas para durar 5 anos, com paredes feitas de placas de madeira e isopor.

Horários e funcionamento oficial, fora tempo de pandemia

A escola atualmente funciona parcialmente em dois turnos, das 7h30min às 12h e das 13h às 17h30min, abrangendo as turmas da Educação Infantil na modalidade pré-escola ao quinto Ano do Ensino Fundamental I. Possui 11 turmas: uma de Pré I, uma de Pré II, duas de primeiro ano, duas do segundo ano, duas do terceiro ano, uma do quarto ano e uma do quinto ano. A faixa etária que atende corresponde dos quatro aos quatorze anos, perfazendo um total de aproximadamente 230 alunos.

Estrutura

A escola possui 6 salas de aula, 1 sala de recurso, 1 sala de leitura, 1 sala de secretaria, 1 sala de gestão, 1 sala de funcionários, 1 refeitório, 3 banheiros de funcionários, 2 banheiros para alunos com divisórias,1escovário, 1 cozinha, 1 área fechada para estoque de material,1 pátio coberto, 1 pátio aberto, 1 parquinho e 1 casa para caseiro. Conta atualmente com 3 funcionárias na gestão escolar, sendo 1 diretora geral, 1 diretora adjunta e 1 coordenadora pedagógica.

4.2. Escola Conectada

É importante salientar que a escola dispões através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do governo federal – Verba chamada Escola Conectada, que é um Programa para obter Banda Larga nas Escolas e material de suporte para funcionamento. No contexto das políticas públicas de inclusão digital: Escolas beneficiadas pela conexão terrestre, recebem o repasse feito anualmente mediante adesão e elaboração do plano de aplicação financeira da escola. Esse recurso pode ser utilizado para a contratação de serviço de acesso à Internet, a implantação de infraestrutura para distribuição do sinal de Internet nas escolas e a aquisição ou contratação de dispositivos eletrônicos.

Esse programa foi de grande importância para a escola, pois possibilitou a promoção da inclusão digital. A Internet de banda larga é de 240 megabytes, e está distribuída em todos os espaços da unidade escolar, internos e externos. A escola recebeu a verba em 2019, 2020, 2021 e preparou o planejamento para o ano de 2022.

4.3. O professor

A ideia do professor artífice e a sala de aula como um portal para o mundo, encaixam com perfeição nos documentos citados. Os livros estão dentro de caixas, os computadores presos em mesas, mas as viagens feitas através destes recursos são infinitas.

O papel do professor é importante, os recursos e materiais expostos em uma sala, por melhor que sejam, por mais que estejam corretamente e atraentemente colocados não são uma garantia de uma aprendizagem significativa. Demo (2008), sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação, aponta:

> toda proposta que investe na introdução das TICs na escola só pode dar certo passando pelas mãos dos professores. O que transforma tecnologia em aprendizagem, não é a máquina, o programa eletrônico, o software, mas o professor, em especial em sua condição socrática.

Esse interlocutor entre o espaço, os materiais e as crianças, representado pela figura do professor será um grande incentivador dos processos desejados para o espaço. Trazendo a ideia de que ali não é só lugar de preservar, guardar ou estocar, mas sim, de projetar, executar, informar, promover o acesso aos multiletramentos e um espaço aberto a todos para pesquisa. Conforme a resolução SME Nº 1072, de 31 de março de 2010: “as salas de leitura são espaços voltados para a promoção da

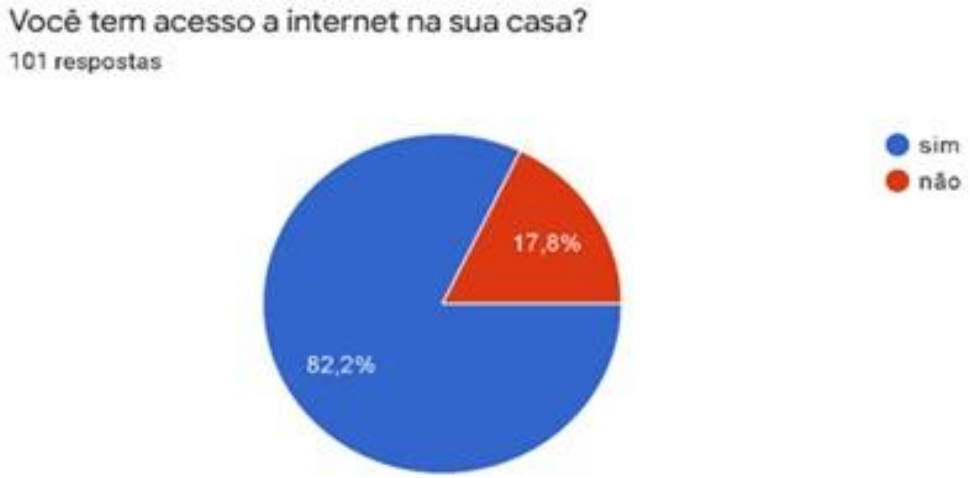
leitura e a formação de leitores e que devem estar abertas e acessíveis à comunidade escolar durante todos os turnos de funcionamento da escola".

A ideia da pesquisa não é propor uma metodologia de ensino, ou um novo espaço, e sim ampliar as possibilidades. A tecnologia não cabe dentro de uma sala, muito menos as possibilidades que ela tem. Isso será desenvolvido pelo professor, o artesão desses processos, que é construído junto com os alunos. Conforme Roxane Rojo em entrevista no Y*outube,* "os gêneros se multiplicam e a cada dia surge um novo; como muda o tempo todo, o tempo todo tem desafio. Cada professor vai ter de refletir sobre o que ele gostaria de fazer" (ROJO, 2016).

4.4. O aluno

Nos dias atuais, existem diversas maneiras de interagir com o conhecimento, e não se pode negar que a alfabetização digital se tronou essencial para lidar com o mundo moderno. As diversas pesquisas sobre os impactos nocivos do uso da tecnologia na infância não podem fazer com que o aluno seja totalmente privado dele. O bom senso é imperativo, nesse caso. Nesse cenário do século XXI, os livros não perdem o seu lugar, eles permanecem lá, nos mesmos espaços, ocupando o lugar que sempre estiveram. A mudança é na forma de utilização e na ampliação das possibilidades, adequando ao novo mundo, aos novos conceitos de educação. Em pesquisa realizada pela gestão escolar no ano de 2020, percebemos que a maioria das famílias tem acesso à Internet em casa.

Gráfico 1 – Porcentagem de famílias da unidade pesquisada que tem acesso à Internet



Fonte: Elaborado pela autora.

Em tempos de *disinformation e misinformation*, saber lidar com a leitura digital é essencial na construção de um indivíduo atuante socialmente. Na maior parte das vezes a tecnologia ainda é ensinada de forma instrumental, não como uma ferramenta pedagógica.

É possível despertar o interesse do aluno para a leitura e as produções multimodais, tornando-o participante e não um mero expectador, trazendo para dentro da escola os enunciados digitais que circulam nos ambientes por eles frequentados.

Figura 2 – Tirinha Calvin and Hobbes de Bill Watterson



Fonte: https://novaescola.org.br/conteudo/3621/calvin-e-seus-amigos

5. ENFOQUE METODOLÓGICO

Por conseguinte, depois de fazer a revisão da literatura e entender um pouco melhor o meu contexto de pesquisa, detalharemos qual será o enfoque metodológico usado. A pesquisa escolar baseada nas propostas do “Design” envolve uma metodologia intervencionista que procura aliar aspectos teóricos da pesquisa em educação com a prática educacional, em busca de múltiplas soluções possíveis e sempre com foco nas pessoas. Aplicando o método de pesquisa-intervenção escolar, pretende-se compreender como, quando e por que inovações educacionais funcionam (ou não) na prática. A abordagem metodológica pretendida gerencia o processo como um todo, desde a ideia da inovação/criação até sua efetiva implementação em um ambiente real. Além disso, é essencial que haja uma análise do processo inteiro e não apenas do produto, pois os resultados tirados dessa análise deverão ser incorporados na própria metodologia visando seu aprimoramento. De acordo com Martins (2016), a natureza do Design, seus princípios, metodologias, interações e práticas estudadas nos dão ideia da pertinência de sua apropriação no contexto escolar brasileiro como estratégia projetual integradora de conhecimentos multidimensionais, como meio de inter-relacionar professores e alunos e orientá-los no processo emancipatório de buscar soluções para problemas autênticos de seu contexto (comunidade, região etc.). Desenvolver aprendizagens ativas onde haja a interação, a prototipagem e/ou desenvolvimento de objetos ou sistemas de comunicação amplia, também, a construção mental de subjetividades e proporciona autonomia para tomada decisões. (MARTINS, 2016). Aqui, falamos a respeito do Design como uma inteligência, ou seja, como um modo de pensar/raciocinar, uma cognição voltada à concepção e prototipagem de novos objetos e/ou sistemas.

A pesquisa intervencionista envolve o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações pedagógicas) destinadas a produzir avanços e melhorias nos processos de aprendizagem dos sujeitos e a posterior avaliação dos efeitos dessa interferência. Esse tipo de pesquisa tem o intuito de promover resultados mais práticos e relevantes para a sociedade e buscar a aplicação prática e imediata. A pesquisadora está completamente envolvida com objeto de estudo. Para a melhor compreensão da pesquisa intervencionista, Hatchuel (2000) sinaliza que o pesquisador não pode produzir conhecimento relevante a menos que ele seja um ator e uma das partes interessadas no processo de ação coletiva. Portanto, a participação

conjunta é fundamental nessa consideração, visto que para esse autor, a ação coletiva "é essencialmente um processo de aprendizado coletivo no qual se busca estabelecer seus próprios princípios de racionalização" (HATCHUEL, 2000, p.64). O trabalho tem como premissa o design centrado em humanos, que contempla as necessidades individuais. Esse modelo de pesquisa tem muito a contribuir com o processo educacional devido à possibilidade de ouvir, criar, envolver e trabalhar com foco em resoluções de problemas.

Usando uma abordagem que usa a sensibilidade e os métodos do design para conciliar as necessidades das pessoas, buscamos colocá-las no centro do processo, para buscar soluções para os desafios encontrados. Sistematizando o processo dividindo a pesquisa em etapas, com o apoio do pensamento do design em educação (CAVALCANTI e FILATRO, 2017), decidimos que alguns caminhos seriam essenciais: 1. compreender o problema (com escuta e observação); 2. pensar em soluções (criando, definindo e buscando alternativas); 3 construir a melhor opção ("mão na massa" e reestruturação); e 4. a testagem (funcionalidade). Conforme Brown (2010), ao integrar o desejável do ponto de vista humano ao tecnológico e economicamente viável, os designers têm conseguido criar os produtos que usufruímos hoje.

Primeiramente, para a revisão de literatura utilizamos o diagrama de Ishikawa, buscando, por sua vez, identificar a razão pela qual a sala de leitura não estava sendo utilizada, cuja ferramenta possibilitou organizar, classificar e documentar em gráficos essas informações, como um caminho de investigação para encontrar soluções para essa questão. Com efeito, a observação do problema mostrou os desafios estruturais da escola que deveriam ser enfrentados, assim como nos permitiu socializar essas dificuldades de forma coletiva.

Em um segundo momento, realizamos uma reunião pela plataforma *Teams* com os profissionais da escola, para apresentar a pesquisa, socializar o projeto, consultar educadores, acolher propostas e sugestões de todos, enfatizando, assim, a importância de oferecer o acesso à tecnologia no espaço escolar. No encontro, utilizamos recursos como fotos da sala de leitura e formulários do Google para receber a devolutiva de professores e funcionários sobre a necessidade de um olhar atento para esse lugar. Nesse sentido, a observação e a socialização do problema foram feitas de forma que todos pudessem ter a dimensão das dificuldades, bem como das potencialidades que a sala de leitura pode trazer para contribuir para o ensino-

aprendizagem, pela organização dos recursos tecnológicos acessíveis nesse espaço, assim como livros e demais instrumentos educativos.

Com os dados coletados, adentramos o terceiro momento de projetar as ações e pensar nas formas de suprir as necessidades, juntando as melhores ideias, as possíveis parcerias, o olhar e desejos dos funcionários e a viabilidade. Então, seguimos para a reestruturação do ambiente, utilizamos como apoio técnico o Helpdesk da prefeitura do Rio de Janeiro, cujo suporte contribuiu para fazer o levantamento dos recursos tecnológicos espalhados pela escola, bem como para descartar os que estavam sem condições de uso para que pudessem ser organizados na sala de leitura. Entre inúmeras adequações referentes ao espaço físico para contemplar os requisitos de limpeza, segurança e conforto, intervenções foram necessárias para criar um ambiente propício e estimulante para o processo de aprendizagem dos alunos, contamos com a mudança da mobília e organização de mídias, livros entre outros.

Para construir as soluções que encontramos como alternativa, a busca de parcerias e o estudo para transformar e dar novas utilidades a objetos foi essencial, nesse aspecto a criatividade foi uma grande aliada.

No que se refere à validação das ideias (quarto momento), ela foi feita de diferentes formas para observarmos os efeitos dessa interferência. Considerando o cenário de pandemia, o trabalho de reestruturação da sala de leitura foi divulgado, a princípio, por meio de fotos e vídeos que mostraram a dimensão da reorganização para professores e profissionais da escola. Assim, os integrantes da unidade escolar puderam experimentar a nova sala de leitura por meio de uma pesquisa que responderam sobre a impressão que tiveram diante do resultado da transformação, cujo ambiente foi posteriormente visitado durante o ensino híbrido.

A seguir, apresentamos a descrição etapa-a-etapa do desenvolvimento do projeto, das benfeitorias feitas na sala de leitura, bem como de todos os colaboradores que se dedicaram para que pudéssemos concretizar os objetivos ora propostos:

Etapa 1: Compreensão do problema

Observação do problema – Diagrama de Ishikawa

Socialização do projeto com os funcionários

Consulta aos educadores

Etapa 2: Planejando coletivamente soluções

Levantamento e ações de reestruturação do ambiente

Etapa 3: Implementação da melhor opção

Doação Caixa econômica

Parceria com doador amigo da escola

Mobília

Arquivo digital do acervo

Novas caixas, novas culturas, novas abordagens

Etapa 4: Validação das ações e ajustes

Avaliação por fotos

Avaliação realizada com os funcionários

Tomada de decisões

Desafios que necessitam de recursos financeiros para serem vencidos

Metas educacionais

Produto educacional

6. RESULTADOS

Aqui, explicamos os passos feitos. Durante a pesquisa, o que foi observado na revisão literária, será sempre usado como base, passa a ganhar vida. A “mão na massa” torna concreto o que foi idealizado.

6.1. Observação do problema – Diagrama de Ishikawa

É sempre importante considerar o contexto financeiro escolar quando se fala de reestruturação. A escola que tem 59 anos de idade, enfrenta problemas com uma estrutura antiga e recursos financeiros limitados. Sua base ainda é de placas de madeira com isopor, passando periodicamente por ataques de cupim, por estar próxima ao parque da Catacumba, um parque florestal, o prédio apresenta muita umidade e sofre com infiltrações e mofo. Nos desafios levantados utilizando o diagrama de Ishikawa, pensou-se nas hipóteses e abordagens que nos levassem a

entender o motivo de uma sala com grande potencial e tantos recursos não estarem sendo utilizados. A ferramenta foi usada para encontrar, organizar, classificar, documentar e exibir graficamente as causas do problema, agrupados por categorias, que facilitaram a tempestade de ideias e análise da ocorrência. Como as causas foram hierarquizadas, foi possível identificar de maneira concreta as fontes do problema. Utilizando o diagrama, quis organizar ideias em busca de soluções práticas e compreender o contexto escolar que estou inserida.

Gráfico 2 - Diagrama de Ishikawa – Análise da unidade escolar



Fonte: Elaborado pela autora.

6.2. Socialização do projeto com os funcionários

Tivemos um encontro através da plataforma *Teams*, para apresentar a pesquisa e receber os desejos e anseios dos profissionais da escola para aquele espaço. Ponderamos o que já temos, o que queremos como meta e como o espaço pode ganhar novo significado naquela unidade escolar. Nessa conversa, todos os funcionários concordam que hoje estamos inseridos num ambiente de tecnologia, e que segundo os professores, é dominado pelos alunos, que esperam encontrar no ensino da escola esse mundo.

Alguns funcionários se mostraram desconfortáveis com o uso da tecnologia, e justificam o incômodo pela falta de conhecimento prático, dificuldade de medição com grupos grandes e pouca formação ofertada nessa área pela secretaria municipal de educação. Apesar disso, destacam a importância de sua utilização, afirmando que a cultura digital já faz parte do cotidiano das crianças fora do espaço escolar. Assim, destacamos o relato verbal de uma professora do ensino fundamental I acerca da questão: “gostaria de usar novas abordagens na sala de aula, mas fico com medo.

Acho muito importante estar em sintonia com meus alunos e sei que eles dominam essas tecnologias.”

Acreditamos que o docente deve ser também um pesquisador e que como a educação é viva, ele deve estar atento às novas metodologias, possibilidades, formas ensinar e aprender, buscando assim, melhorar a qualidade do processo ensino/aprendizagem. Instigar a curiosidade do aluno é um fator importante neste processo. Estar atento às mudanças no mundo, explorando as tecnologias existentes e com olhar atento no que está por vir, variando de acordo com o tempo e as culturais locais. Segundo Rojo,

> É preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar pra se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas. (ROJO, p. 7, 2013).

Nesse aspecto, apresentamos as imagens de como estava a sala de leitura e falamos das potencialidades que aquele espaço teria.

Figura 3 – Sala antes da intervenção



Fonte: Elaborado pela autora.

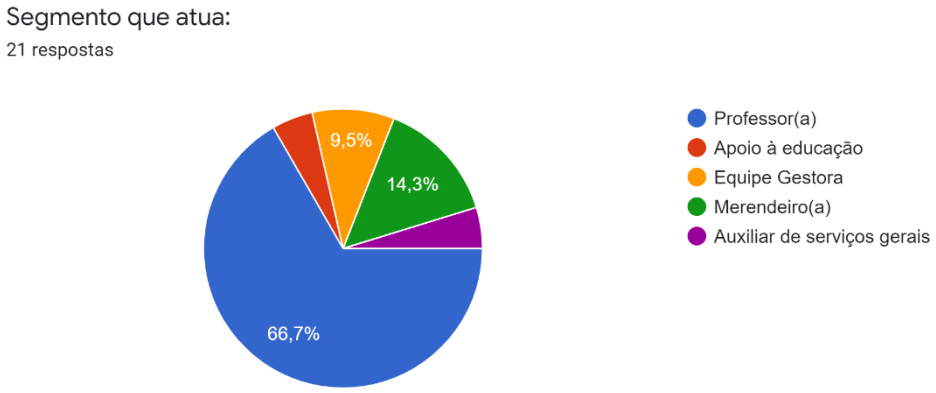
Diante da imagem, pedimos para os funcionários destacarem com palavras, pontos negativos que viam na mente ao olhar a fotografia, os que receberam maior destaque foram: desorganização, mofo, poeira e ambiente desestimulante.

O espaço não possui um professor específico, durante 6 meses de observação de 2019, de junho de 2019 a dezembro de 2019, o grupo de educação infantil de 5 anos utilizou a sala apenas uma vez e os alunos do 5º ano passavam 2 vezes no mês para fazer empréstimo dos livros(aleatoriamente), e as devoluções eram colocadas em qualquer lugar. No ano de 2020, foram 2 meses de observação com aula e nesse período a sala não foi acessada por ninguém.

6.3. Consulta aos educadores

Após avaliação feita utilizando o diagrama de Ishikawa, e da socialização da pesquisa feita através da plataforma *Teams*, algumas perguntas ficaram sem respostas conclusivas, e nesse processo o olhar de todos os educadores é muito importante. Diante da pandemia, os funcionários da unidade escolar recebem um questionário através do Google formulários, com o objetivo de avaliar qual a relação deles com os recursos disponíveis, sua visão sobre a tecnologia e como percebem a sala de leitura.

Gráfico 3 - Quantidade e tipo de funcionários consultados

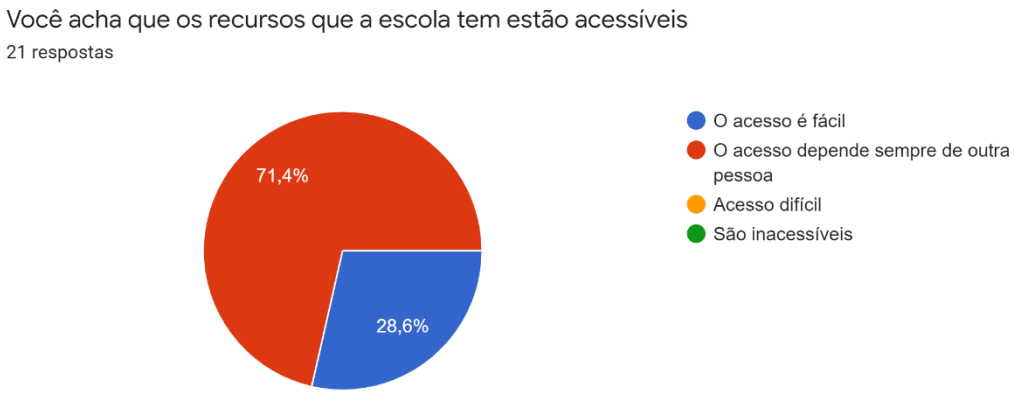


Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os profissionais que atuam dentro da escola contribuem com a aprendizagem dos alunos, portanto são importantes dentro da sua particularidade. A consulta foi realizada com todos os funcionários da unidade escolar, visando um

trabalho coletivo e compartilhado, a visão e opinião de todos tem grande valor para reunir ideias e colocar projetos em prática.

Gráfico 4 – Consulta sobre acessibilidade dos recursos



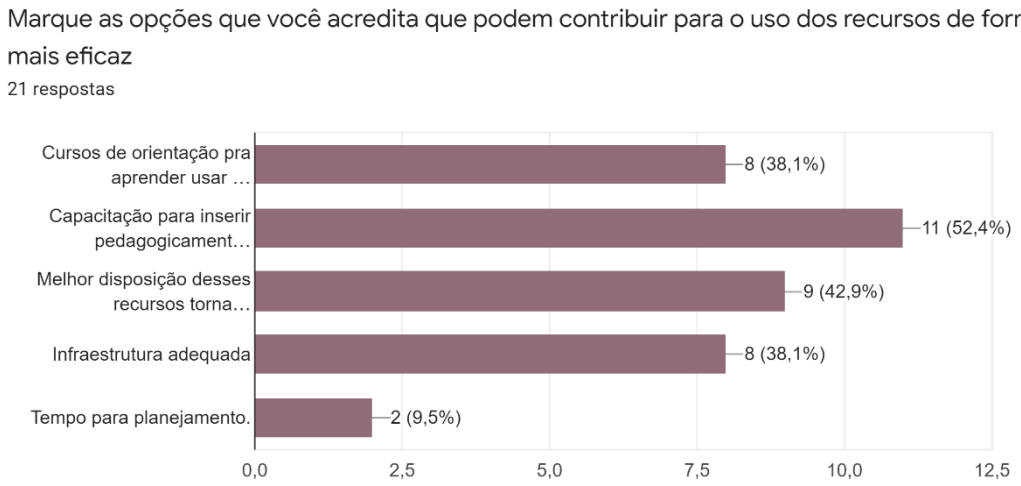
Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos profissionais da unidade considera que depende de outra pessoa para acessar os recursos. Essa afirmação se comprova no decorrer da pesquisa, como por exemplo, a sala de leitura que estava sempre fechada e dependia de alguém para abrir, ou o data show (aparelho usado algumas vezes) que fica na secretaria em um armário fechado.

Na pergunta abaixo constavam as seguintes opções:

- Cursos de orientação para aprender a usar os recursos tecnológicos.
- Capacitação para inserir pedagogicamente os recursos tecnológicos.
- Melhor disposição desses recursos tornando seu acesso mais fácil.
- Infraestrutura adequada.
- Tempo para planejamento.

Gráfico 5: O que os funcionários acham que é mais relevante para contribuir com a utilização dos recursos



Fonte: Elaborado pela autora.

A capacitação para inserir pedagogicamente as NTICs nas aulas foi o item mais marcado. O que foi verificado através de observação das aulas, é que alguns recursos aqui assinalados como sendo utilizados, são feitos de forma mecanizada, apenas como reprodução. Como, por exemplo, o data show, que é usado para passar filmes e slides, os alunos assistem de forma pacífica, visto que a ferramenta não tem um papel construtivo, produtivo ou um projeto contínuo de utilização. Nesse aspecto, a capacitação continuada é de grande importância, os professores compreendem o processo, utilizam novas metodologias e formas de lidar com os novos desafios e isso se reflete diretamente no resultado dos alunos.

6.4. Levantamento e ações de reestruturação do ambiente

Hoje em dia, são inúmeros os aparatos tecnológicos disponíveis no mercado, pois a demanda da incorporação desses recursos nas práticas escolares vem crescendo, visto que nas situações do dia a dia eles estão presentes:

> Lousas digitais, computadores, sites educacionais, web-aulas, videoconferências, jogos pedagógicos, softwares educativos, laboratórios de informática, Datashow, laptops, notebook, tablets, e-books, celulares, smartphones, ultrabooks, MP3, MP4, câmeras digitais, HD portátil, pendrives, CD-Rom, DVD, SMS, blogs, e-mail, Orkut, Facebook, Twitter, MSN são apenas alguns poucos exemplos de um número praticamente infinito de artefatos tecnológicos presentes nas escolas de hoje (SALES, 2014, p.23).

Quando vamos buscar os referenciais teóricos, estamos sempre um passo atrás, pois redes sociais, softwares, aplicativos são criados a todo momento.

Embora a presença de alguns destes artefatos exista na escola, não necessariamente se vê a utilização deles, ou sendo utilizado de forma didática e produtiva. Muitas vezes estão sem conexão com a Internet, em lugares de difícil acesso, bem como professores e crianças não têm conhecimento de sua existência e, assim, não podem agregar no planejamento das aulas. De acordo com Ribeiro (2014), as tecnologias nos ajudam ou nos permitem fazer coisas que talvez fossem mais difíceis ou mesmo impossíveis sem elas. Na educação, pode ser que permitam ensinar e aprender melhor e mais eficazmente. No entanto, é necessário ajustar as tecnologias aos propósitos que temos (e ter algum, aliás é fundamental), para que essa integração faça realmente sentido e seja prolífica (RIBEIRO, 2014, p,152).

Os recursos disponíveis na unidade escolar estavam espalhados em armários e outros espaços pela escola. No primeiro momento, foi realizada uma varredura pelos ambientes, com intuito de concentrar todos os recursos no mesmo lugar. Com apoio do Helpdesk da prefeitura do Rio de Janeiro, que é um serviço de apoio às escolas para suporte e resolução de problemas técnicos, informática, telefonia e tecnologias de informação, que foi até a unidade, recebemos o parecer técnico de todo recurso que estava sem condições de uso. Um computador de mesa foi condenado pelo assistente do Helpdesk, além de outros objetos que se tornaram obsoletos como: TV de tubo, vídeo cassete, máquina fotográfica analógica, e saíram do inventário da unidade. O que não estava mais em condição de uso foi dado baixa, procedimento feito junto a GIL (gerência de infraestrutura e logística) e COMLURB (companhia municipal de limpeza urbana). No segundo momento, listamos os itens tecnológicos que funcionavam perfeitamente e estavam prontos para o uso, para destinar cada um aos locais necessários.

Tabela 1: Materiais disponíveis na unidade escolar

Quantidade	Material
5	Notebook
4	Netbook
4	Computador de mesa
4	Data show
1	Caixa de som grande
5	Caixa de som portátil
1	Tablet
2	Óculos realidade virtual
1	Filmadora
5	Impressora
1	Microscópio

Fonte: Elaborado pela autora.

Fizemos um levantamento do que era necessário em outros espaços da unidade escolar e o que poderia ser deslocado para a sala de leitura. Segue a tabela com os itens que foram levados para ficar na sala de leitura:

Tabela 2 – Materiais disponíveis para compor a sala de leitura

Quantidade	Material
1	Notebook
4	Netbook
3	Computador de mesa
1	Data show
1	Caixa de som grande
5	Caixa de som portátil
1	Tablet
2	Óculos realidade virtual
1	Filmadora
1	Impressora
1	Microscópio

Fonte: Elaborado pela autora.

No espaço escolar, apesar do aluno ser o centro das ações, todos os elementos ali presentes afetam e são afetados pelo ambiente. Uma escola com tanto tempo de vida tem nas suas salas, armários e prateleiras muita história para contar. A gestão

administrativa envolve desde as questões de patrimônio, o prédio e os equipamentos materiais que a escola possui, até a legislação escolar, gestão financeira, entre outros.

Figura 4 – Recursos obsoletos e sem manutenção



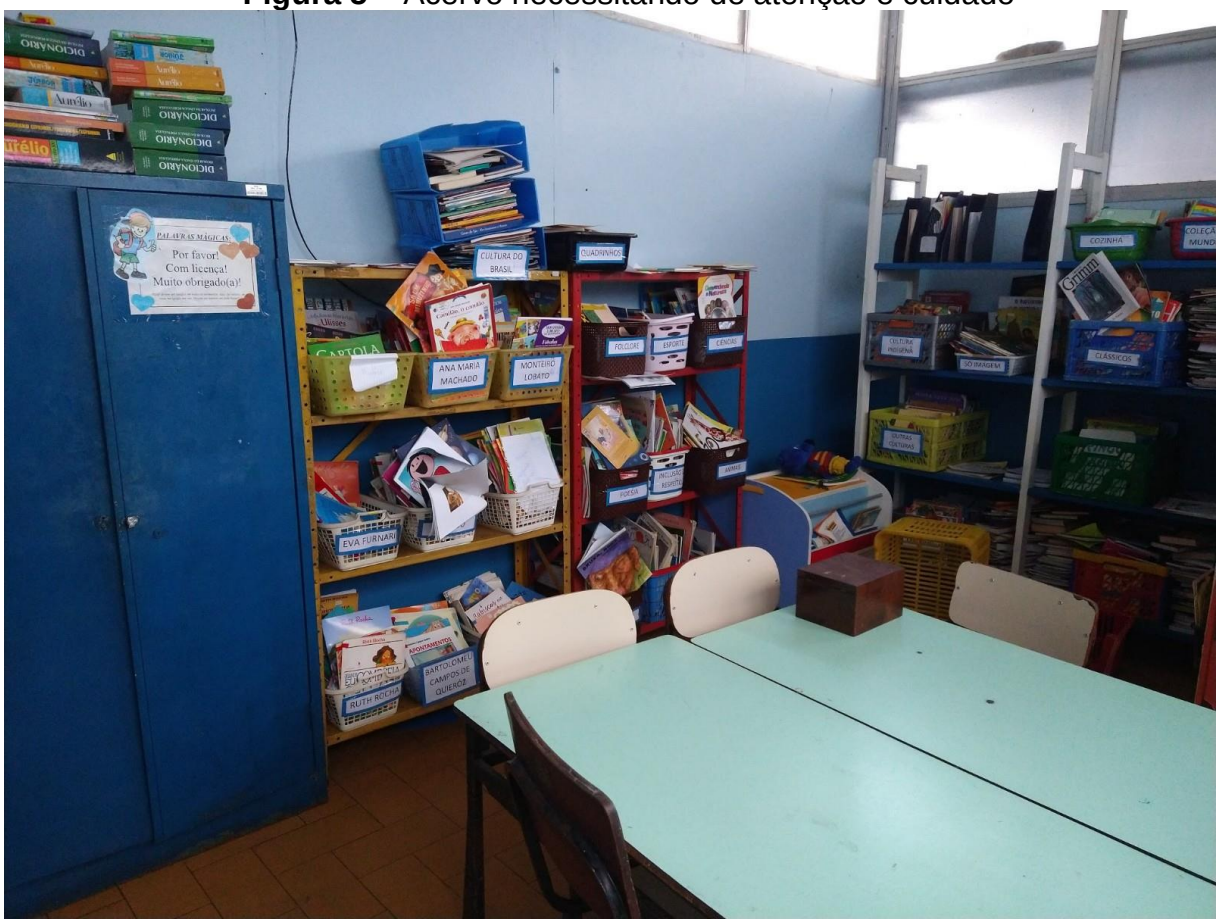
Fonte: Elaborado pela autora.

Já na verificação da sala de leitura, confirmamos que parte da mobília estava infestada de cupim e bem desgastada. Todos os itens sem condições de uso foram descartados, através do mesmo procedimento feito com os itens eletrônicos. A porta empenada só conseguia ser aberta com muita força, as janelas emperradas não abriam, dificultando a circulação de ar, o que contribui para o aumento do mofo. Uma parte dos livros estava encostada em uma parede com infiltração. Uma intervenção deve ser feita, baseada na afirmação de que espaços confortáveis, limpos e seguros ajudam a reforçar as relações, estimulam habilidades cognitivas e, por isso, afetam positivamente na educação. Portanto, favorecer o processo de aprendizagem passa diretamente pelas condições apresentadas no ambiente escolar. Além disso, para

uma gestão economicamente mais eficiente, saber o que se tem e o que se precisa alcançar torna o gerenciamento das verbas mais eficaz. Segundo Luck (2009, p.24), a gestão escolar constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização, e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino

Reforçamos o pedido de conserto das janelas com o órgão responsável na 2º CRE (coordenadoria regional de educação), visando uma melhor circulação de ar no ambiente, primordial para ajudar a combater a umidade e mofo. E para contemplar o protocolo sanitário da SME versão 1.4 (2021), que exige que os espaços tenham ventilação. Foi enviada para escola a equipe do projeto Conservando, que presta pequenos reparos nas unidades de ensino. Eles realizaram uma intervenção emergencial, conseguindo com que todas as janelas abram.

Figura 5 – Acervo necessitando de atenção e cuidado



Fonte: Elaborado pela autora.

No acervo da sala de leitura, livros, dicionários, dvds, cds, mapas, foram consultados um por um. Muitos estavam sem condições de uso devido à umidade presente na sala e um vazamento na parede em que estavam apoiados. Infelizmente, muitos livros não estavam mais em condição de uso e foram descartados.

Os professores relatavam a dificuldade de entrar na sala devido à falta de acessibilidade e insalubridade. Com o ambiente sempre fechado, o cheiro desagradável vazia com que permanecer ali muito tempo fosse bastante desconfortável.

Figura 6 – Sala com problemas estruturais



Fonte: elaborado pela autora.

Os problemas estruturais que necessitam de um valor considerável de verba, foram listados e colocados com ação necessária para quando for viável. Medidas paliativas forma tomadas, como a retirada da estante de livros da parede que pode haver vazamento, entre outras.

6.5. Doação Caixa econômica

Com a chegada da pandemia da Covid-19 e as mudanças que aconteceram nas escolas, concretizou a impossibilidade de a gestão utilizar alguma verba em recursos e intervenção na sala de leitura.

Ao buscar soluções possíveis, a gestão escolar foi informada que a caixa econômica federal havia lançado um edital onde pessoas jurídicas sem fins lucrativos, se inscreveriam em um processo de cadastramento de doação de bens móveis inservíveis. Por ser uma entidade cujo objetivo social é compatível com o objetivo do regulamento do processo (entidade que atua para inserção social por meio de área de educação), a unidade atendia às exigências para receber o material. Através de um catálogo virtual, os móveis e quantidades eram escolhidas. Para a sala de leitura, usamos o levantamento feito no decorrer da pesquisa. Após ser contemplada, a gestão se viu no desafio de prover meio de transporte de carga para retirada do material no centro do Rio de Janeiro. Contando mais uma vez com a ajuda de dois doadores que preferem não se identificar, o transporte foi financiado e a retirada foi realizada. A partir dessa doação, a unidade escolar pode dispor de um mobiliário em melhores condições, ainda não com a característica ideais, mas que foi sendo adequado o que foi recebido ao espaço e público-alvo.

Recebemos vários itens da doação e aqui vamos destacar somente os que tiveram importância para pesquisa:

Tabela 3 – Lista de doações da Caixa Econômica Federal separadas para sala de leitura

Quantidade	Material
12	Cadeiras giratórias
6	Mesa para computador
1	Armário alto duas portas
4	Estante de ferro com cinco prateleiras
1	Armário baixo de duas portas
1	Mesa de professor

Fonte: Elaborado pela autora.

6.6. Parceria com doador amigo da escola

Contamos também com um “amigo da escola”, que prefere permanecer anônimo, que faz doações de bens e serviços há alguns anos. O amigo consultou a gestão e, sabendo o que era preciso, doou:

Tabela 4: Material recebido de doação anônima

Lista de material doado por “amigo da escola” anônimo	
8	Tatames 50 x 50
16	Caixas organizadoras grandes
24	Caixas organizadoras pequenas
1	Relógio de parede
3	Nichos de parede
1	Suporte para data show

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de doações de novos materiais para organização, o amigo anônimo também restaurou duas mesas de discente, pintando os pés que já estavam enferrujados e consertando a placa de madeira que apresentava rachaduras. Trouxe todos os móveis para dentro da sala, considerando que são pesados e a escola não conta com funcionário específico para tal funcão. Fez todos os furos necessários, pregou o que era preciso na parede, prendeu algumas placas de isopor do teto que estavam soltas e fora do lugar e restarou provisoriamente a porta. Esse tipo de parceria que a gestão estabelece, torna as ações na unidade escolar possíveis, pois alguns serviços não se encontram com verba disponível quando a necessidade surge.

6.7. Mobília

A importância do mobiliário e sua influência na aprendizagem: a primeira ideia era fazer com que a criança e os funcionários da unidade escolar tivessem autonomia no espaço. Eles deveriam saber o que tinham disponíveis, onde procurar os materiais e saber onde estão dispostos.

Galardini e Giovannini (2002) defendem a ideia de que os espaços escolares são grandes parceiros no processo de ensino e aprendizagem, ao afirmarem que

> [...] A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar (p.118).

Diante dessa afirmação, é imprescindível que as escolas organizem espaços flexíveis, versáteis, pensando em ambientes que possibilitem a criação de novos saberes e oportunizem novas experiências. Espaços que favoreçam o protagonismo, o autoconhecimento, a autonomia, e o desenvolvimento pleno da criança, comtemplando as habilidades: cognitivas, afetivas, social e cultural.

No contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, a unidade escolar atende dois segmentos diferentes: educação infantil e ensino fundamental. Essas duas modalidades de ensino possuem especificações distintas que precisavam ser comtempladas nessa reestruturação.

Com a mobília disponível, olhamos para o que não recebemos na doação, o que teria que permanecer na sala. Na reestruturação, buscamos a melhor forma de atender às necessidades da unidade escolar, proporcionando um ambiente acolhedor e estimulante. Uma das premissas é que o mobiliário não ofereça risco e seja usual. Consideramos a idade de 4 a 11 anos, faixa etária prevista na pré-escola e no fundamental I. Portanto, voltou-se para a composição do espaço, a mobília, acondicionamento de livros, recursos tecnológicos e outras ferramentas.

6.8. Arquivo digital do acervo

Levantamento de informações, quantidade, armazenamento de materiais disponíveis na unidade escolar. A coleta deverá ser feita a partir da perspectiva da gestão, a qual faço parte. Esse processo será importante, pois servirá de base para as ações futuras de gasto de verbas, organização, envolvimento da comunidade escolar na prática significativa no uso desses recursos. Trata-se de consulta a todos os ambientes, ao inventário e almoxarifado.

Considerando a RESOLUÇÃO SME Nº 1072, DE 31 DE MARÇO DE 2010 no Art. 6º, as Salas de Leitura deverão contar com espaço físico que atenda aos seguintes critérios:

a) capacidade para acomodação segura e adequada dos acervos disponíveis e que possibilite o acesso de professores e alunos para a consulta dos mesmos;

b) acervo mínimo de 200 títulos de Literatura Infantil e Juvenil, incluindo Obras de Referência (Dicionários e Enciclopédias), entre outras.

Conforme Ceppi e Zin (2013, p. 48), “é importante que todos os espaços da escola, de acordo com suas características específicas, estejam abertos e acessíveis as crianças, para que elas possam lá permanecer e utilizá-los.”

Após a separação dos livros que estavam em condição de uso, iniciamos a separação e classificação seguindo a resolução SME Nº1072, de 31 de março de 2010, que dispõe sobre a estrutura e funcionamento das Salas de leitura nas unidades escolares da Rede Pública do Sistema municipal de Ensino do Rio de Janeiro. O projeto de reorganização e ressignificação deste ambiente segue em andamento. Ao armazenar em caixas, a ideia é que possa ser carregado para outros ambientes da escola, facilite o armazenamento e otimize devoluções.

Vale citar também o papel importante que esse ambiente tem nos espaços escolares, conforme as palavras do bibliotecário e professor Waldeck Carneiro da Silva:

> No Brasil, a marginalização socioeconômico-cultural que se impõe à ampla maioria da população – pela própria lógica do nosso sistema capitalista periférico, submetido aos ditames da ordem capitalista mundial – acaba por conferir à biblioteca escolar uma grande responsabilidade. É nela que a maior parte das nossas crianças terão a oportunidade, muitas vezes a única em suas vidas, de contato com livros e outros documentos. Essa ideia aplica-se especialmente às escolas públicas onde estudam as crianças das classes populares[...] (SILVA, 1999, p. 67).

Registro do acervo: com reorganização, percebeu-se que o inventário não refletia a situação anterior e muito menos a atual do acervo. A sala possuía um livro manual, porém estava desatualizado. Foi deixado como sugestão uma reorganização, para tornar a busca por material mais acessível e de fácil conhecimento de todos, utilizando um acervo digital, visando a esse objetivo. A pesquisa serviu para orientar a escola sobre a necessidade de atualizar a lista de acervo. O ideal do arquivo é que seja digital, para que possa ser consultado pelos educadores a qualquer momento. Constando nome, quantidade e local, buscando a facilidade para o uso no planejamento semanal e nos empréstimos.

6.9. Novas caixas, novas culturas, novas abordagens

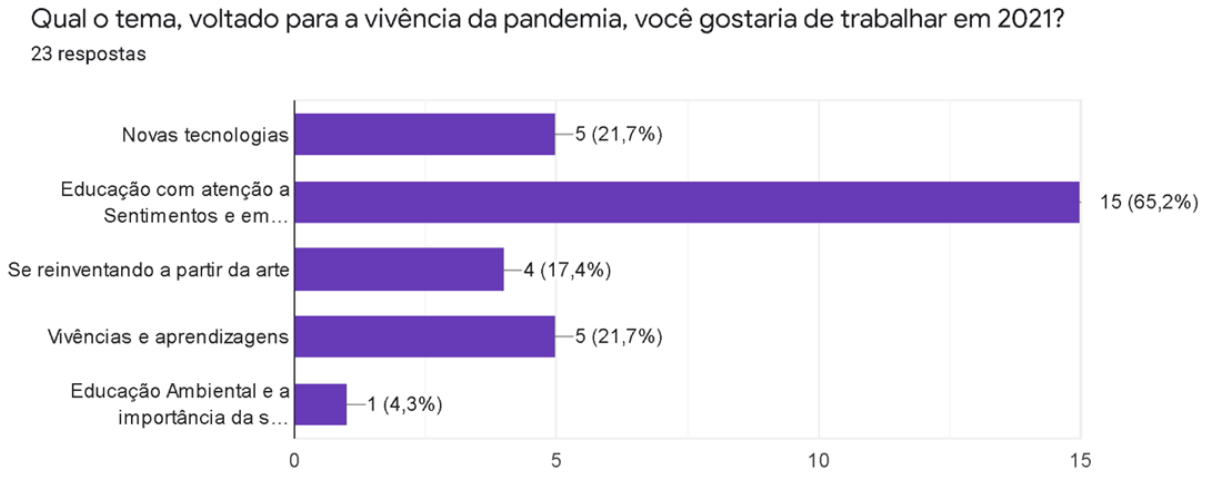
Observando a consulta feita pela unidade escolar para reformulação do PPP, foram levantados dados sobre os anseios da comunidade. Olhando a pesquisa

percebi a necessidade de criar “caixas” (forma com os materiais estão organizados) que se mostraram necessárias para comtemplar as novas demandas, com a inserção de novas leituras, que levem os profissionais a repensar sua prática e incluir múltiplas abordagens que atendam a comunidade escolar e as novas demandas sociais. A sala viva se transforma conforme a comunidade escolar se modifica e, nesse sentido, essa ampliação visa gerar sentido e criar provocações, ou seja, criar valor. A ideia de novas abordagens, vista no design e no multiletramentos, busca uma perspectiva mais humana, criando relações. Quando um novo debate social é introduzido ou quando ele passa a ser parte da escola, um processo de empoderamento social começa para que novas transformações positivas aconteçam. Com empatia e querendo produzir diálogos sobre as novas temáticas presentes no mundo atual, forma criadas novas “caixas” como sugestões de livros que tratem de temas presentes nesse século.

Na pergunta abaixo constavam as seguintes opções:

- Novas tecnologias.
- Educação com atenção a sentimentos e emoções.
- Reinventando-se a partir da arte.
- Vivências e aprendizagens.
- Educação ambiental e a importância da saúde do planeta.

Gráfico 6: Pesquisa PPA 2021 sobre quais temas deveriam ser abordados



Fonte: elaborado pela autora.

Com o avanço da pandemia em 2020 e a percepção de que duraria por mais um ano, o projeto anual da escola de 2021 tem por tema “Através da lente do amor eu vejo melhor o outro”, que surgiu segundo o PPA da percepção das conversas com alunos, comunidade, nossa equipe de professores e demais funcionários da nossa escola; sobre os sentimentos e emoções vividas durante a pandemia. Diante disso, a caixa chamada “sentimentos” foi acrescentada. Nela foram colocados títulos como: *Livro dos sentimentos* (PARR, 2000), *O monstro das cores* (LLENAS, 2012) e *Advinha o quanto eu te amo* (MCBRATNEY, 1994).

Consideramos importante a sala ter temas atuais e de importância para a comunidade escolar, por isso, queremos destacar também outras quatro novas caixas e pelo menos um título de livro que foi condicionado nela. “Cultura africana”: livro *Amoras* (EMICIDA, 2018), “Inclusão e respeito”: livro *A cor de Coraline* (RAMPAZO, 2017) e “Outras culturas”: livro *Kabá Daribu* (MUNDURUKU, 2002).

O espaço não precisa (e não deve) ser um lugar de normatização e resguardo, mas deve ser um lugar de variedade, do plural, de possibilidades, para estar em contato com diversos autores, recursos, materiais, um lugar para escolhas e que proporcionem contato com as diversas formas de ler atualmente. Nesse aspecto, outros objetos foram agregados ao espaço: mapas, revistas, cartazes, jogos, bulas, fantoches, encartes, fotos e outros.

7. AVALIAÇÃO / RESULTADOS

Nesta sessão, compilamos os resultados das avaliações feitas com o apoio de fotografias elaborando as intervenções empreendidas, assim como a avaliação feita pelos funcionários da escola, com intuito de avaliar os impactos, estabelecer metas futuras estuturais e pedagógicas, e meditar a respeito dos produtos derivados da ação.

7.1. Avaliação por fotos

A avaliação com imagens buscou enriquecer a pesquisa, e facilitar o entendimento da intervenção que foi realizada. Usando um recurso de linguagem visual, podemos medir a evolução e compreender as possíveis fragilidades. Sendo assim, é possível fazer uma reflexão significativa, mais dinâmica e efetiva.

Figura 7 – Mesas e cadeiras



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Souza (2009, p.120), se a escola comtempla mais de um segmento com faixas etárias distantes, é recomendável que as mesas e as cadeiras estejam numa faixa intermediária de tamanho. Utilizamos no centro mesas de tamanho mediano para atender aos dois segmentos – Pré-escola e ensino fundamental I. As mesas foram restauradas, pés lixados, pintados e rachaduras na madeira consertadas. Os braços das cadeiras foram retirados, para o uso nas mesas mais baixas e para facilitar a movimentação e outras possíveis configurações do espaço.

Figura 8 – Data show, caixa de som e notebook montados



Fonte: Elaborado pela autora.

Data show, tela de projeção, laptop e caixa de som permanecem montados para facilitar a utilização. Um dos problemas apresentado nas conversas com os professores está relacionado à montagem desses recursos. Com tempos de aula muito curtos, de aproximadamente 45 minutos para utilização dos espaços, ter o equipado montado e organizado ajuda a otimizar a aula. Com os aparelhos guardados na sala da direção, ou espalhados na escola, o estímulo para o uso era baixo.

Figura 9 – Estantes com acervo de livros



Fonte: Elaborado pela autora.

As estantes foram presas na parede, para evitar risco de queda. “Por isso, o aluno precisa de mobília que lhe dê segurança, seja estável e não ofereça risco à sua saúde.” (SOUZA, 2009, p. 120). As “caixas” foram utilizadas para favorecer a autonomia da criança na escolha do material, facilitar a organização e o deslocamento dentro da unidade escolar.

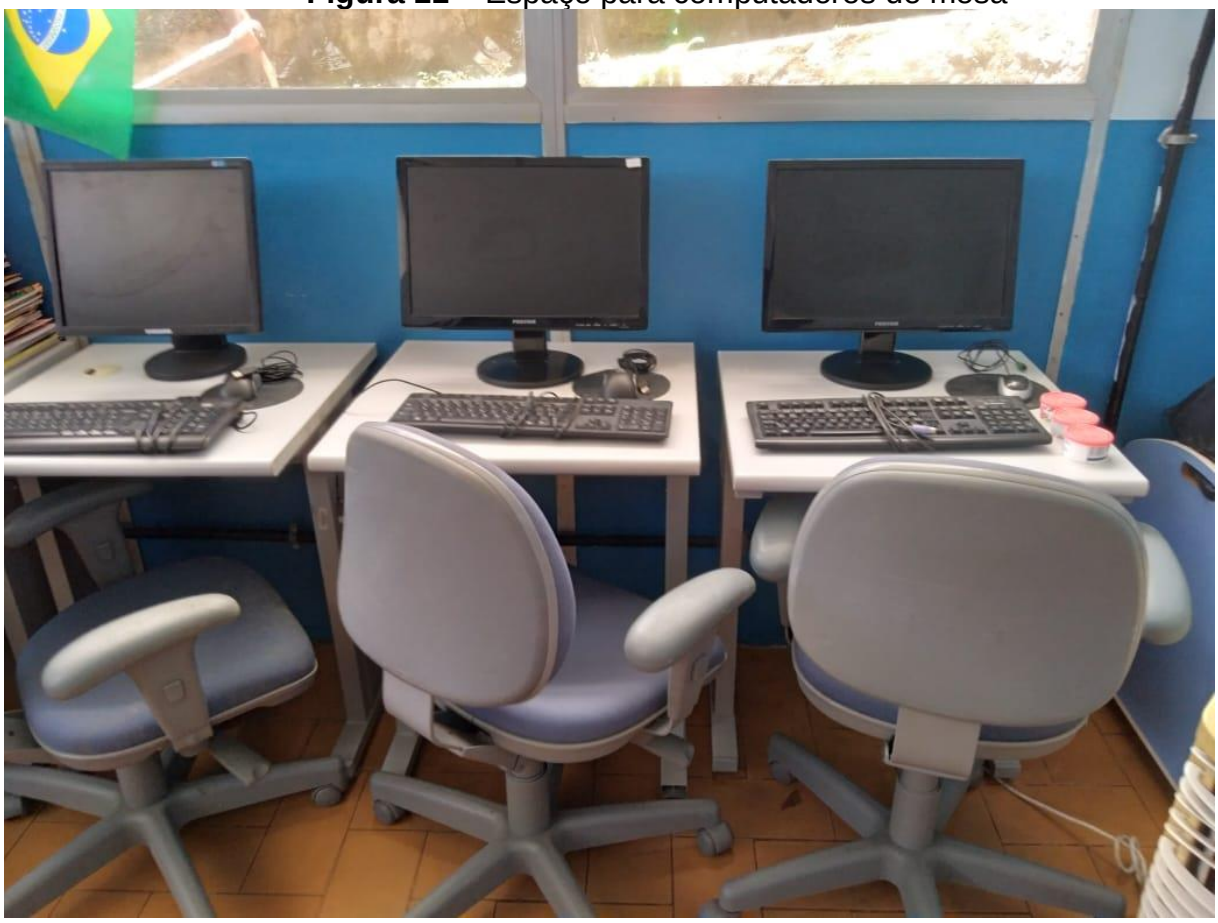
Figura 10 – Caixas separadas por temas de interesse atual e pertinente à unidade escolar



Fonte: Elaborado pela autora.

As caixas foram separadas com temas que podem mudar conforme o interesse dos alunos ou provocações que os professores queriam causar. Promovendo assim, nos termos de Almeida e Silva (2010, p. 68), a articulação entre os conhecimentos do cotidiano do universo dos alunos, dos professores e da cultura digital com aqueles conhecimentos que emergem nas relações de ensino e aprendizagem, bem como com os conhecimentos considerados socialmente válidos e sistematizados no currículo escolar.

Figura 11 – Espaço para computadores de mesa



Fonte: Elaborado pela autora.

Computadores de mesa ligados e com sinal de Internet banda larga funcionando, à disposição dos professores e alunos. Com relação a esse tema, Coscarelli (2007, p. 29) afirma que

> cabe, então, a nós professores, sobretudo das classes populares, criarmos formas de incluir nossos alunos nessa viagem, e para isso, devemos dar a eles os equipamentos necessários para serem bem-sucedidos nessa empreitada.

Figura 12 – Espaços e recursos / Ampliando as opções



Fonte: Elaborado pela autora.

Um espaço com tatames foi criado, para que as crianças possam ter mais uma opção de acomodação. A ideia é que o manuseio seja descontraído, que os alunos estejam ali também de modo informal, pois não haverá cadeiras e, sim, um tapete emborrachado (BORTOLIM, 2001).

Um “Blocão” foi colocado na parede usando um cabide e folha A3 para anotações e fortalecimento da escrita. Alguns acessórios utilizados em projetos, enviados pela Secretaria Municipal de Educação, foram aproveitados como enfeite, dando mais afetividade ao ambiente.

Figura 13 – Estante móvel e caixa de objetos



Fonte: Elaborado pela autora.

Resgatamos a estante móvel com rodinhas, que foi reformada e limpa. Esse material foi entregue pela prefeitura com a finalidade de “passear” pela escola com livros e recursos. Segundo Neves, aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia a dia (NEVES, 1998, p.14). Pensando nisso, criamos uma caixa de brinquedos, objetos e fantoche para contribuir com momentos lúdicos e apoio visual nas contações de história ou produções. Objetos podem ser acrescentados ou retirados conforme os projetos forem acontecendo.

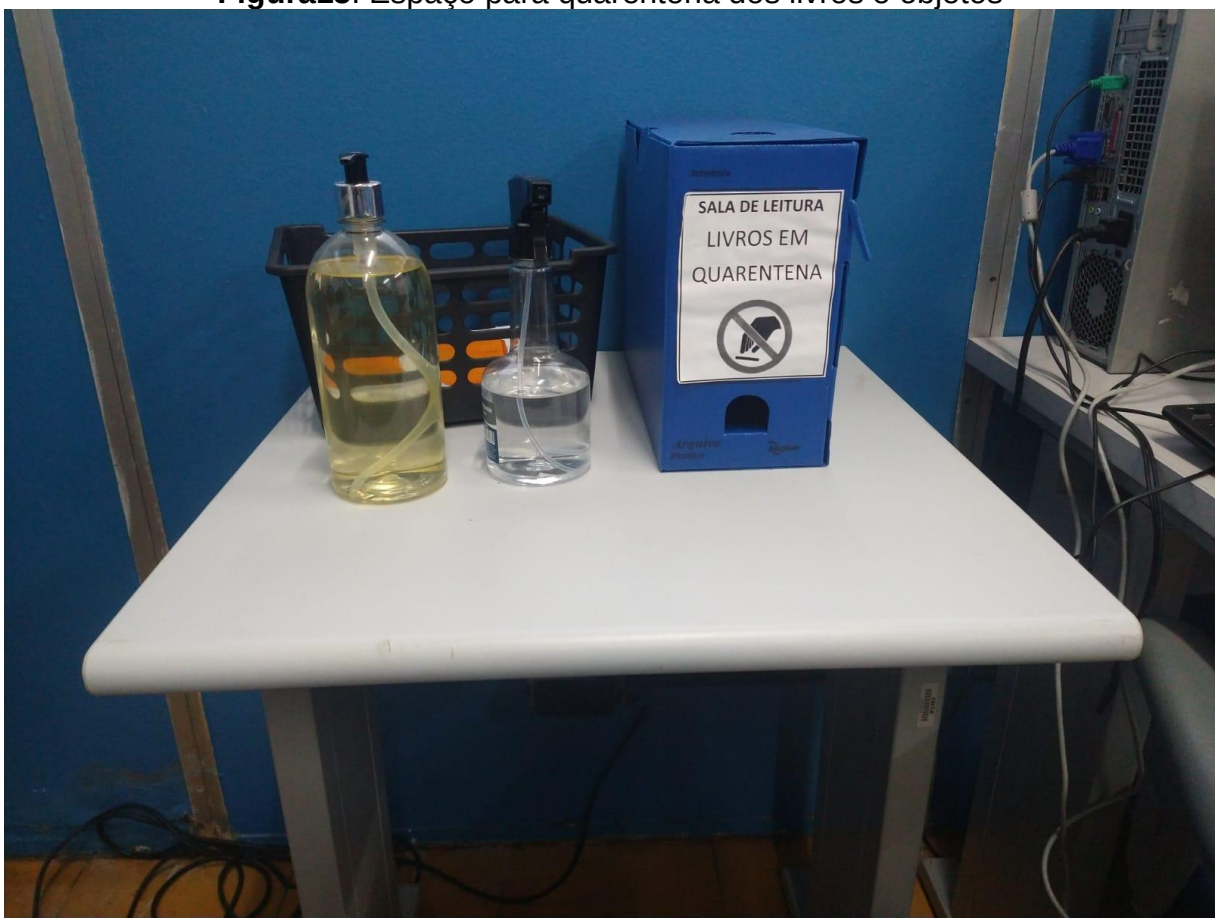
Figura 14 – Livros em quantidade



Fonte: Elaborado pela autora.

As coleções com maior quantidade de exemplares iguais foram separas para serem usadas coletivamente. Essa prática favorece o debate de ideias, a troca de percepções, além de estímulo uns com os outros.

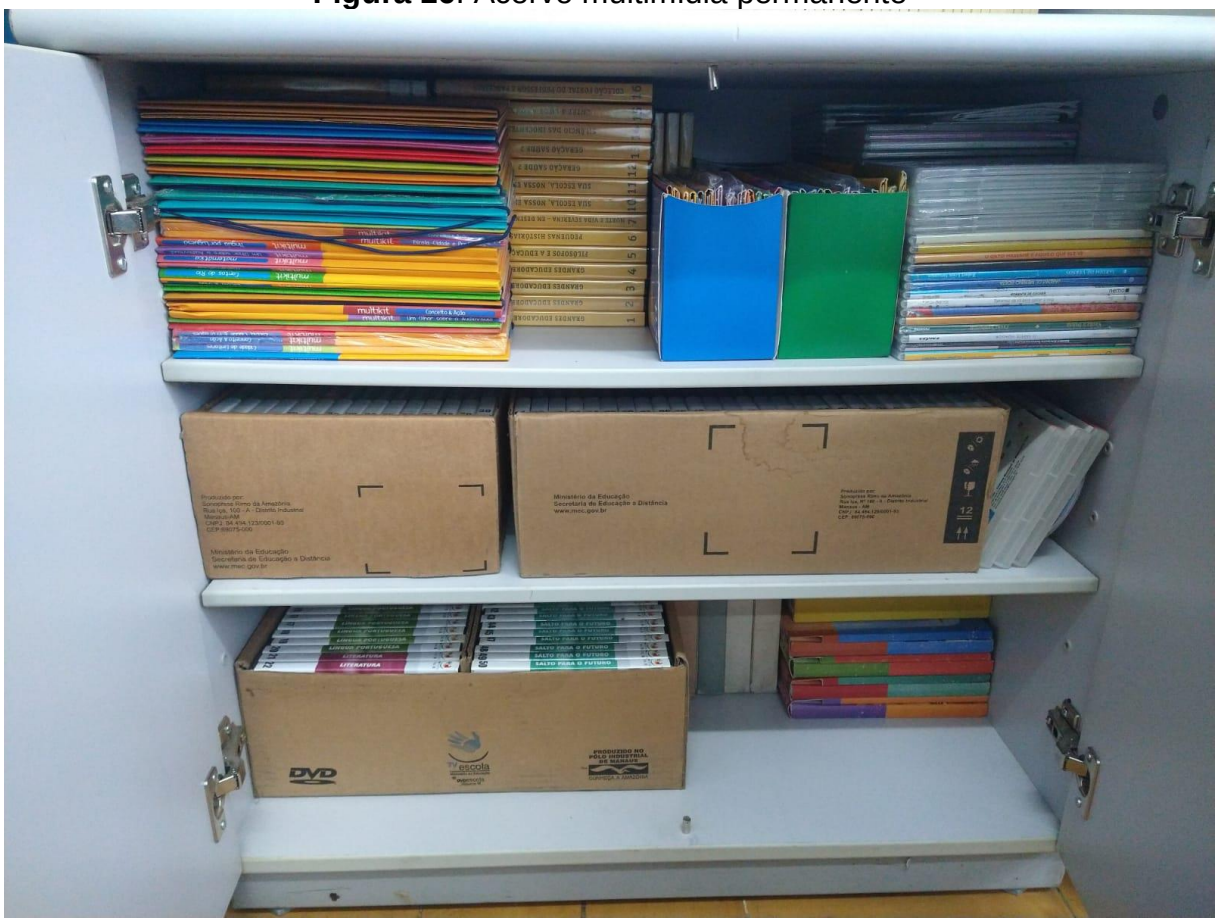
Figura15: Espaço para quarentena dos livros e objetos



Fonte: Elaborado pela autora.

Seguindo Circular E/SUBE/CEIEC/GEL N.º 04/2021 de 20 de abril de 2021, que orienta que os livros e outros materiais devolvidos à escola deverão ficar em um espaço (estante e/ou mesa e/ou caixa) em estado de “quarentena” por 24 horas, até que retorne ao seu espaço inicial (prateleira, caixa, estante etc.), criamos uma caixa para os itens que precisem passar por higienização e quarentena.

Figura 16: Acervo multimídia permanente



Fonte: Elaborado pela autora.

Arquivo de mídia como Cd, dvds, pendrives estão todos no mesmo lugar, com sugestão para montagem de acervo digital. São itens permanentes da sala de leitura, enviados como apoio pela Secretaria Municipal de Educação e devem permanecer em local de fácil acesso para consulta e uso. Roxane Rojo (entrevista para revista Nova Escola, 2017) explica que para se adequar à BNCC: os professores receberão material digital complementar, agregado ao material didático tradicional, o que vai ajudar a minimizar as dificuldades com a produção de conteúdo multimodais. Porém, só isso não será suficiente. É necessário demandar mais material de apoio para as aulas, para que os objetivos possam ser atingidos. Portanto, conforme outros materiais chegarem serão agregados para que os professores possam buscar apoio e se adequar com as mudanças necessárias para seu século.

7.2 Avaliação realizada com os funcionários

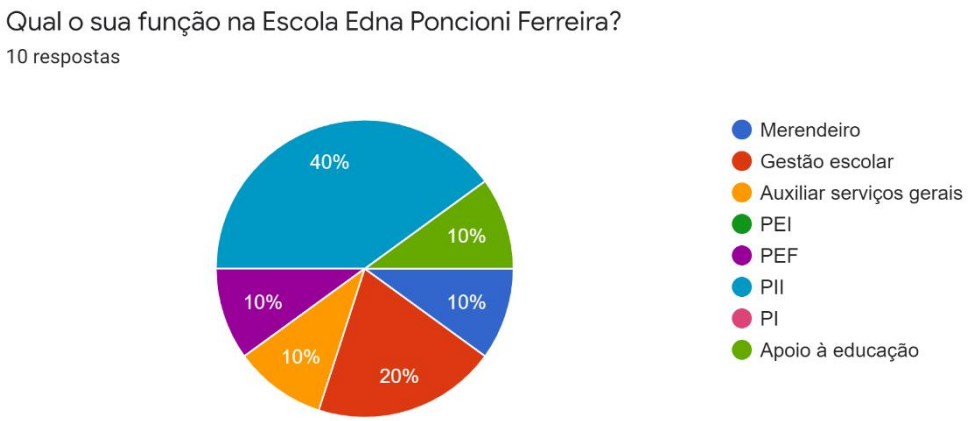
A gestão escolar realiza uma prestação de contas duas vezes no ano. Em 2021, essa primeira prestação foi realizada ao final do 2º bimestre no mês de junho. Realizamos uma reunião virtual com todos os funcionários através da plataforma *Teams*. A sala de leitura foi apresentada através de vídeos e fotografias com a nova estrutura. No mês de julho, com o retorno de algumas turmas para o ensino presencial, alguns funcionários voltaram para escola e estiveram no novo espaço. Utilizam alguns dos materiais dispostos. O primeiro impacto ao visualizar o ambiente foi muito positivo, o comentário que mais ouvimos foi o quanto o ambiente estava mudado. A professora de artes plásticas destacou (informação verbal) “O que aconteceu nessa sala? Parece que estou em outro lugar! A sala parece maior, está cheirosa e organizada.” Consultamos os funcionários que puderam observar e experimentar a sala de leitura para avaliar o ambiente através de cinco perguntas feitas, por meio do formulário Google. Segue o quadro com as perguntas:

Quadro 1 - Perguntas enviadas para avaliação do novo espaço

Qual a sua função na Escola Edna Poncioni Ferreira?
Você pode descrever como era a sala de leitura?
E agora como ficou o novo espaço?
Destaque uma modificação que você mais gostou.
O que você destaca que pode ter ou melhorar nesse ambiente. Deixe esse olhar crítico.

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 7 – Quantidade e funções de funcionários que responderam à pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Por causa da pandemia e o retorno gradual do ensino híbrido – presencial e remoto, não foi possível consultar todos os funcionários. A pesquisa foi enviada para aqueles que de alguma maneira experimentaram o novo ambiente.

Na segunda pergunta, a desorganização foi várias vezes destacada. “O ambiente era bagunçado”. “Os livros estavam misturados e empilhados”. “Os computadores não funcionavam”. “A sala era escura e úmida, com um cheiro forte de mofo”. “A mobília estava mal distribuída”. “Algumas vezes que entrei, estava servindo para guardar itens sem uso da escola” (resposta de um funcionário na pesquisa). Já na terceira pergunta a palavra “organizada” aparece em 90% das respostas, o que comprova a composição do ambiente. “O espaço está renovado, organizado e dá prazer de escolher um livro ou usar tecnologia”. “Data show com caixa de som já montado, armário com os recursos, tatame para sentar e mobília novinha” (resposta de um funcionário na pesquisa): aqui, percebemos o olhar para os ambientes criados.

Na terceira pergunta, pretendíamos destacar o olhar individual de cada funcionário:

Quadro 2: Todas as respostas da terceira pergunta da pesquisa enviada

Destaque uma modificação que você mais gostou.10 respostas

- Um carrinho com rodinhas com o equipamento de data show já instalado e a tela de projeção já no lugar. Só ligar e usar.
- O espaço está sempre limpo.
- Espaço no chão com tatame para atividades de leitura deitado ou rodas de conversa. Também é muito legal esse espaço para as crianças menores.
- A organização.
- O armário com os itens eletrônicos todos juntos e fáceis de visualizar e usar.
- As novas caixas, principalmente a com nome: Inclusão e respeito.
- Está mais iluminada e com mobília nova.
- Acho legal ter tudo no lugar.
- data show já montado, só usar.
- Gostei de tudo que foi feito, estou doida pra estar com todos os alunos lá.

Fonte: Elaborado pela autora.

Vários pontos de fragilidade antes da reestruturação observados durante a pesquisa, ganham destaque de modificação positiva através da resposta dos funcionários.

Na quinta pergunta, ao avaliar o ambiente sobre o que poderia ter, o aparelho de ar-condicionado foi muito enfatizado, estando presente em sete das dez respostas. No Rio de Janeiro o verão já chegou a ter sensação térmica de 45º C, tornando esse aparelho necessário para manter o conforto, saúde e a produtividade.

7.3. Tomada de decisões

Considerando os dados levantado, a gestão realizou algumas mudanças baseadas no trabalho:

Quadro 3: Lista de decisões que foram tomadas após a pesquisa

Transferência para sala de leitura alguns recursos tecnológicos e organização de um armário onde os professores têm acesso livre.
Instalação dos recursos possíveis, para facilitar a utilização pelos docentes e discentes.
Esclarecimento com os educadores, que a sala de leitura é um espaço para todos e estará sempre disponível, que deve ser utilizada sempre com consciência coletiva e zelo.
Inclusão da sala de leitura no quadro de horários de atividades da unidade escolar, para organização. Lembrando sempre que ela é de uso livre para todos.
Orientação ao zelador para de manhã quando abrir a escola, passe também a deixar a porta da sala de leitura aberta, tomando o espaço receptivo.
Todos os dias abrir as janelas, tornando o ambiente mais confortável e saudável.

Fonte: Elaborado pela autora.

7.4. Desafios que necessitam de recursos financeiros para serem vencidos.

Alguns desafios ainda são pertinentes ao espaço. A continuação da restruturação física, que requer auxílio financeiro, permanece como meta.

Quadro 4: Lista de desafios que necessitam de verba para realização

Instalação de aparelho de ar-condicionado para climatização.
Novos Computadores.
Obra estrutural acabar com vazamento na parede quando chove.
Instalação de ventilador de parede.
Compra de outros recursos tecnológicos como *tablet*, *smart TV*, quadro interativo, entre outros.
Substituição da porta de entrada.

Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns desafios serão comtemplados na próxima verba que a unidade receberá. Já estão listados no planejamento aguardando a liberação do SDP (sistema descentralizado de pagamento).

7.5. Metas pedagógicas

Do ponto de vista pedagógico, as metas estabelecidas vão ajudar no desempenho e foco das ações.

Quadro 5: Lista de metas pedagógicas

Garantir a formação continuada do professor.
Liberação, por indicação da gestão, de professor que se torne responsável pela sala e que consequentemente desenvolva projetos pertinentes ao espaço.
Promover ações na sala de leitura (sendo ela uma facilitadora) que comtemplem o multiletramentos e tornem uma prática cada vez mais inserida no contexto da nossa unidade escolar.
Encorajar os multiletramentos em todos os espaços da unidade escolar, tendo como referência e estímulo a sala de leitura.

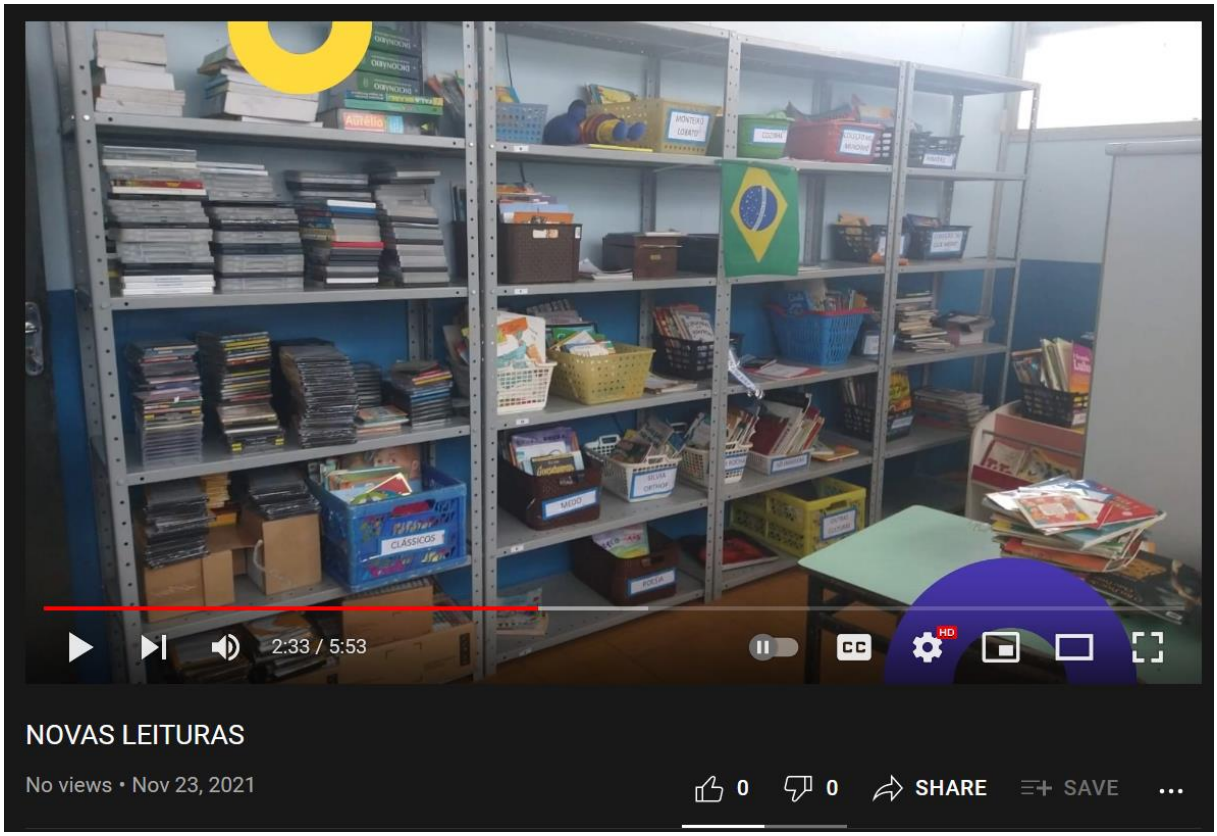
Fonte: Elaborado pela autora.

7.6. Produto educacional

Além de um dos pré-requisitos para conclusão do curso de Mestrado profissional, o produto educacional foi desenvolvido visando disponibilizar contribuições para a prática profissional de todos os elementos envolvidos com os espaços escolares baseadas nas experiências vividas ao longo da pesquisa. Para divulgar essas recomendações, optamos por elaborar um vídeo explicativo da proposta de intervenção. Optamos por desenvolver um artefato audiovisual pois acreditamos ser a melhor forma de dar visibilidade às informações tornando o conteúdo mais atrativo e a comunicação mais rápida. Um vídeo faz com que o usuário tenha novas visões do mesmo assunto, aprofundando o conhecimento e abrindo possibilidades. Visando facilitar a visualização, divulgamos na plataforma de compartilhamentos YOUTUBE, permitindo comentários e observações. O vídeo foi filmado por mim, utilizando da câmera principal de meu aparelho celular, posteriormente editado com auxílio do *software* Canvas.

A proposta foi apresentada junto com o link através de e-mails e WhatsApp, para diversos profissionais como: professores, professores de sala de leitura, gestores, coordenadores pedagógicos e elementos da coordenadoria de educação e pode ser acessado através do endereço https://www.youtube.com/watch?v=GT36-n1E9Ug, disponível em meu canal pessoal no YouTube.

Figura 17. Captura de tela do vídeo produzido.



Fonte: Elaborado pela autora

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, a pandemia trouxe muitos desafios para pesquisa. No início, achamos que seria um período curto e que, em breve, retornaríamos com o ensino nos moldes que estávamos acostumados. Logo no início da suspensão das aulas, ficam claros os desafios sociais que nos distanciavam de nossos alunos. Com o avanço da pandemia de COVID 19, esse abismo se tornou cada vez maior. Tivemos que, de maneira inusitada, buscar métodos e formas de avançar com a pesquisa, fazendo as adaptações possíveis e necessárias. Nesse contexto, o aluno já não estava presente e não seria mais o elo principal durante o processo. Desse modo, passamos a pensar nele como um futuro utilizador e produtor dessa nova sala, porém não deixando de entender que ele era o ator principal junto com todas as pessoas que ocupam o ambiente escolar. Apesar desse elemento não estar presente fisicamente, entendemos que a necessidade de mudança permanecia pertinente. Diante das incertezas, a investigação se voltou com mais intensidade para os desafios da gestão escolar, com colaboração do olhar franco dos funcionários. Nesse processo, as diferentes percepções foram consultadas: gestores, professores de educação infantil,

professores de ensino fundamental, professora de artes plásticas, professora de inglês, professoras de educação física, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, agente educador, agente de apoio à educação especial e professores readaptados.

Não tivemos a intenção de apresentar as novas tecnologias digitais como o principal recurso, ou aquele que resolve todos os problemas da educação, mas como uma ferramenta que pode contribuir colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem. Em alguns momentos da pesquisa, tratei a NTICs como ferramentas palpáveis, que estão ali no espaço servindo utilitários para executar ações concretas, como, por exemplo, o data show que foi criado para projetar. Em outras situações, abordei a tecnologia como algo abstrato e intangível, usada para contribuir nos modos de pensar, fazer, saber. Nesse aspecto, corroboro com as ideias de Paiva (2010), quando comenta que a instituição educacional não deve apenas utilizar, mas também, produzir tecnologia vinculando tecnologia e didática, tecnologia e cultura. Logo, vejo que os múltiplos usos da tecnologia podem trazer para o ambiente escolar novas formas de relacionamento.

Durante esse tempo de pesquisa, produzimos muitas problematizações, a partir das experiências vividas no cotidiano. Não fazia sentido estudar as situações pertinentes ao problema como se fossemos observadores externos, sem conexão com o processo que observamos. Alterar o estado das coisas que vivenciávamos no cotidiano se mostrava sempre tão urgente que senti necessidade de várias vezes retomar com consciência o papel transformador da pesquisa. Deste modo, as ações e a pesquisa caminharam juntas, produzindo novas formas de pensar e realizar.

No decorrer da caminhada, fomos descobrindo que teríamos que vencer mais etapas do que imaginávamos no início. A estrutura física e os poucos recursos financeiros sobrevoaram sobre a pesquisa, querendo sempre dizer que não seria possível. Para execução dos objetivos, foram realizadas várias etapas de intervenção neste ambiente. Na busca por soluções realizáveis, unimos o que era importante com o que era viável.

Diante das avaliações realizadas na pesquisa, o objetivo geral “elaborar uma proposta de reestruturação e uso dos recursos tecnológicos e discutir seus resultados/benefícios frente a uma série de requisitos” foi alcançado. A revisão da literatura foi extremamente relevante e fez o olhar sobre o espaço ganhar novas perspectivas. Nesse sentido, foram realizadas intervenções estruturais significativas

e as estratégias para realizá-las foram elencadas como relevantes aprendizados. Diante dos fatos já descritos, a avaliação de todo esse processo passou por alterações, mas ainda assim foi possível perceber os resultados positivos através dos depoimentos dos funcionários da unidade escolar.

Na análise dos relatos, foi visto ou constatado que os profissionais foram impactados com a reorganização do espaço e essa nova reestruturação trará reflexões sobre novas possibilidades e metodologias de ensino, espaços e formas de abordagem, implicando em observações e futuros estudos.

A pesquisa buscou unir a prática real de ensino, às possibilidades existentes e aos potenciais que cada unidade escolar possui, visando atingir o objetivo de formas de ensino aprendizagem mais eficientes.

Essa intervenção não finda nesse assunto, sobretudo porque muitos caminhos foram traçados e metas estabelecidas. A construção de um acervo digital, que servirá tanto para consulta, quanto para a melhor utilização de futuras verbas, foi um dos pontos observados. Futuramente, com o retorno dos alunos e de outros funcionários, o espaço será explorado, trazendo à tona as potencialidades e novas possibilidades existentes. Contudo, na prática do dia a dia, fragilidades também surgirão e as modificações poderão receber novas modelagens, adequando o espaço às novas construções.

Desse modo, esse trabalho não pretende esgotar todas as possibilidades reflexivas e transformadoras acerca do quão importante foi a reestruturação da sala de leitura para a escola, uma vez que as problemáticas são constantes no universo escolar, além da ação do tempo, a necessidade de verbas e a participação de todos para que esse espaço seja usado com todas as possibilidades de socialização, aprendizagem e construção do conhecimento. No entanto, é motivo de orgulho que deve ser compartilhado por professores, gestores e funcionários da escola, visto que conseguimos renovar o ambiente e trazer vida a um espaço até então esquecido, ao qual o meu olhar e de todos, certamente, insistia em revisitar todos os dias, nos fazendo refletir sobre as possibilidades escondidas para além daquela porta fechada. Nesse sentido, mesmo diante de todas as dificuldades e do contexto pandêmico, que nos impôs a necessidade de reinventar nossa prática educativa, conseguimos coletivamente somar esforços para abrir a porta da sala de leitura, abrindo, assim,

espaço para novos saberes e ações de ensino-aprendizagem para a construção do conhecimento em favor de toda a comunidade escolar.

9. REFERÊNCIAS

BARTON; LEE, 2015 - BARTON, David e LEE, Carmen. **Aprender online todos os dias**. In: _____. Linguagem online: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 15 abr. 2020.

BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias.** Rio de Janeiro. Elsevier, 2010.

CEPPI; ZIN, 2013 - CEPPI, Giulio, ZINI, Michele. **Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2013.

CIRCULAR E/SUBE/CEIEC/GEL N.º 04/2021. **Novas orientações para o empréstimo de livros dos acervos das Salas de Leitura e Unidades Escolares da SME e para o trabalho do regente de Sala de Leitura.** Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12556296/4324821/CircularE_SUBE_CEIEC_GELN04_2021.pdf. Acesso em: 5 mai. 2021

COSCARELLI, 2007 - COSCARELLI, C. V., RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
.
DEMO, 2008 DEMO, Pedro. **TICs e educação**, 2008 http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br

EMICIDA (Leandro Roque de Oliveira). **Amoras**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018.

CAVALCANTI, Carolina Costa; FILATRO, Andrea. **Design thinking na educação presencial, a distância e corporativa.** São Paulo: Somos educação e Saraiva, 2017. 253p.

GALARDINI; GIOVANNINI, 2002 = GALARDINI, Annalia; GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: **Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. Bambini: **a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131.

HATCHUEL, 2000 HATCHUEL, A. **Intervention research and the production of knowledge**. In: CERF, M (et al.) **Cow up a Tree. Knowing and Learning for Change in Agriculture.Case studies from Industrialised Countries**. Paris: INRA, p. 55-68, 2000.

JEWITT, 2008 - JEWITT, C. **Multimodality and literacy in school classrooms**. Review of Research in Education, vol. 32, 2008, p. 241-267.

KALANTZIS; COPO, 2006a THE NEW LONDON GROUP. **A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures**. In:COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). **Multiliteracies – Literacy learning and the design ofsocial futures**. London: Routledge, 2000.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Mercado de Letras, 1995.

KRESS, 2010 _. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. Routledge, 2010. 182 KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

LIMA apud SANTAELLA, 2013 - LIMA, M. B. de; GRANDE, P. B. de. **Diferentes formas de ser mulher na hipermídia**. In: ROJO, R. (Org.). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013. p. 37-58.

LIMA, M. B. de; GRANDE, P. B. de. **Diferentes formas de ser mulher na hipermídia**. In: ROJO, R. (Org.). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013. p. 37-58

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. Editora: Flamboyant, 2012.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. 1. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. p. 7-142.

Martin, Henri-Jean. **Le message écrit: la réception. Conferência dada na Académie des Sciences Morales et Politiques.** Paris 15 de março de 1993.

MARTINS, B. M. R. Os fundamentos da aprendizagem baseada em design: uma estratégia multidimensional apropriada à abordagem de problemas do mundo contemporâneo. **RECITE,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 2-15, dez./2016.

MCBRATNEY, Sam; JERAM, Anita; NUNO, Fernando. **Adivinha quanto eu te amo**. WMF Martins Fontes, 1994.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. [S.l: s.n.], 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Kaba Darebu**. São Paulo: Brinque-Book,2002.

MULTIMODAL. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/multimodal/>. Acesso em: 27/02/2021.

NEVES, 1998 - NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

OLIVEIRA, 2012 OLIVEIRA, Márcia Andréa Almeida. **O trabalho do professor, as tecnologias e os gêneros multissemóticos: da construção de modelos didáticos a sequências de ensino**. In: II Congresso Internacional TIC e educação. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. 2012. Disponível em: http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/69.pdf. Acesso em 07 abr. 2016. p. 790-805

PARR, Todd. **O livro dos sentimentos**. São Paulo: Panda Books, 2000.

PREFEITURA DO RIO. **CIRCULARES DA SUBE**. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12556296/4324821/CircularE_SUBE_CEIEC_GELN04_2021.pdf. Acesso em: 7 jun. 2021.

PREFEITURA DO RIO. **Protocolo sanitário para prevenção à covid-19**. Disponível em: https://prefeitura.rio/educacao/sme-atualiza-protocolo-sanitario-nas-unidades-escolares/. Acesso em: 8 jun. 2021.

RAMPAZO, A. **A cor de Coraline**. 1ºed. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Roxane Rojo: "Há muitos países recuando no tempo com seus currículos. Aqui, estamos evoluindo"**. 2017. Disponível em: https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/29/roxane-rojo-ha-muitos-paises-recuando-no-tempo-com-seus-curriculos-aqui-estamos-evoluindo. Acesso em: 4 mai. 2021.

RIBEIRO, 2014 - RIBEIRO, Ana Elisa F. **Tecnologias na educação: questões e desafios para a produção de sentidos**. Revista Práticas de Linguagem, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 152-158, jul./dez. 2014. Disponível em Disponível em http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem Acesso em 08 jan. 2021

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Resolução SME nº 1072**, de 31 de março de 2010. Dispõe sobre a estrutura e o funcionamento das Salas de Leitura nas Unidades Escolares da Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro e dá outras providências. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/333665922/Resolua-A%C6%92o-de-Sala-de LeituraSme-Na%C2%BA-1072. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

RIO PREFEITURA. **Currículo carioca**. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibenoticias?id=10907097. Acesso em: 16 abr. 2020.

ROJO, Roxane et al. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, p. 13-36, 2013.

ROJO, Roxane H. R.; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SALES, 2014 - SALES, Shirlei Rezende. **O imperativo da ciborguização no currículo do ensino médio**. In: MORGADO, José Carlos; SANTOS, Lucíola Licínio

de Castro Paixão; PARAíSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Estudos curriculares: um debate contemporâneo**. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 193-207.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Currículo carioca 2020**. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/documents/9565635/77445dab-adf9-4b2e-81dd-5dba19e0679f. Acesso em: 1 mar. 2021.

SILVA, 1999 SILVA, Carneiro, Waldeck da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, 2010 SILVA, Maria da Graça Moreira da. **De navegadores a autores: a construção do currículo no mundo digital**. In: Anais do ENDIPE. Belo Horizonte. 2010.

SOUZA (ORG.), R. J. D. **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formaçãao. 1. ed. são paulo: mercado das letras, 2009. p. 9-242.

THE NEW LONDON GROUP. **A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures**. In:COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). **Multiliteracies – Literacy learning and the design ofsocial futures**. London: Routledge, 2000.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. Cortez, 2002.

UNILAB. **O futuro das bibliotecas**. Disponível em: https://unilab.edu.br/noticias-biblioteca/. Acesso em: 18 mar. 2021.

VEIGA, 2002 - VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico: uma construção coletiva**. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 15.ed. Campinas: Papirus Editora, 2002. p.7

_____. Minicurso - **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. Aula 4: Como se organizam os gêneros. Parábola Editorial, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gBkWTi-5oHw. Acesso em 24 abr. 2021.

_____. **Mão na massa: como trabalhar com gêneros digitais**. Entrevistada por Tatiana Henrique. Nova Escola, 8 jul. 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=nJee5CANf0U. Acesso em 14 abr. 2021.

_____. **Pedagogia dos Multiletramentos Parte II**. Programa escrevendo o futuro. Fundação Itaú Social, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uj4gNjksb88. Acesso em 22 fev. 2021.

_____. **Multiletramentos e TIDCs em tempos de pandemia**. Gellite – Universidade Federal de Alagoas, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qp63KQbJX-E. Acesso em: 14 abr. 2021.